



AVULSO

1.20 ESC.

ANO III-N.º 109

17

JUNHO

1943

Desde a última semana, o Brasil tem o seu Embaixador acreditado em Lisboa. A entrega de credenciais, no Palácio de Belém, revestiu-se daquele brilho e cerimonial inerentes às altas funções que o representante da mais querida das nações vem desempenhar entre nós. Na pessoa do novo Embaixador do Brasil, o sr. Dr. Neves da Fontoura, cumprimentamos a Nação brasileira, certos de que o ilustre diplomata continuará o caminho do bom entendimento que sempre tem estado aberto às boas relações luso-brasileiras.

Vida
Mundial

ILUSTRADA
Semanário gráfico de actualidades

AQUI entre Nós



JOÃO PEREIRA DA ROSA

Director de «O Século» e animador dessa invulgar e terna obra de assistência que é a Colónia Balmear Infantil do Estoril, acaba de se lançar na arrojada organização da Feira Popular, cujo rendimento reverte a favor daquela obra de assistência.



ENG.º VIRIATO CANES

Uma figura conhecida nos meios da engenharia, foi promovido, recentemente, a engenheiro-inspector superior de Obras Públicas. Exercia o cargo de chefe da Repartição dos Serviços Marítimos da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos e Eléctricos.



DR. VICTOR BUESCU

Leitor de romeno da Faculdade de Letras e um dos nomes mais acatados nos meios intelectuais da Roménia, deu agora por encerrado o ano lectivo da sua cadeira, com uma sessão que se revestiu do melhor sentido cultural.

EM Castelo da Maia, perto do Porto, appareceu, há tempos—segundo noticiam os jornais—um gaio com o bico partido dum lado e tão defeituoso que não podia comer. Ora aconteceu que o escultor Manuel de Oliveira teve artes de adaptar ao pobre pássaro um bico de madeira, e tão perfeito ficou que o gaio ganhou uma vida nova, parece outro, e já debica gloriosamente nas cerejeiras carregadas. Quem tiver o bico partido, já sabe: meta-se no comboio — e vá a Castelo da Maia!



O Chiado tem, desde há dias, uma nova livraria: a Livraria Sá da Costa. Instalada numa das esquinas da rua Garrett para a rua Serpa Pinto, o novo estabelecimento apresenta-se, sob o ponto de vista arquitectónico, com um ar elegante dum livraria chique. Não sabemos se haverá chá às cinco horas com passagens de modelos—literários, evidentemente—mas é fora de dúvida que a primeira impressão que se colhe, ao entrar na livraria, é a de que estamos em presença duma moderníssima loja de modos—de livros.



ESTÃO, em plena saíson, as peças de teatro com dois únicos personagens a interpretá-las. Duas tournées se vão iniciar nestas condições, uma formada por Aura Abranches e Manuela Bonito, outra por Brunilde Júdice e Alves da Costa. No Nacional, Palmira Bastos e Raúl de Carvalho interpretarão, sem outras figuras accessórias, a peça Pátria, de Vasco Mendonça Alves. Não há dúvida. Estamos na época das restrições. Como afirmava um célebre químico, atravessamos a era dos comprimidos. Vamos ter o teatro em tubos—como a aspirina. É o supro-assumo da síntese — e a última palavra da economia.

Inventário & Balanço

Das falhas e seu suprimimento

Um dos tormentos da nossa época é a lamúria constante das falhas, que cada um de nós ouve de manhã, à tarde e à noite, em casa, no carro eléctrico, no restaurante, no corredor do teatro, nas lacécias do compadre da revista e até no cemitério quando nos calha de fazer parte do acompanhamento:

— Coitado!... Ele não era má pessoa... Tinha aquêlla defeito... aquêlla mania... Mas homem às direitas isso era... Depois com êstes tempos, nem apetece a gente ficar por cá muito tempo! Com isto das falhas...

Mas falta de quê? De tanta coisa, que bem pôde dizer-se que falta até o juízo—e isso, mau grado nosso, será razão, pretexto e motivo de colocar à base de tôdas as mais complicações. O pior é que o juízo não é mercadoria que qualquer de nós adregue de topar por mercado, feira ou mesmo armazem de antiguidades. E disso há por aí provas à vista, a tôrto e a direito, bem patentes, evidentes e repetidas para que se tome preciso tentar o esboço da sua enunciação. Tanto isso é verdade e tanto essa verdade é certa e sabida—que já ninguém fala dela, contentando-se o vulgo em falar da escassez da carvão, do açúcar, do arroz, do bacalhau, da carne e do peixe: realmente, a que se tem por matéria assente e aceite não suscita mais debates. Mas o resto?...

Por mais numerosos que sejam os que se lamentam de lhes faltar o açúcar, mais numerosa parece ser o cohorte dos gulcosos que às tantas da tarde enchem de léa a lés quantas pastelarias há em Lisboa, entrando-se e atacando-se dos mais capíferos, atrajentes e requintados produtos da arte desvamecedora de celebrados mestres pasteleiros. Pode parecer contraditório, mas não é. A gula da pastelaria não é só a gula pelo doce: é também pelo cantinho da má língua, a bisbilhoticeira janota, a exhibição da última «toilette» ou da tendência para a ausência dela, o chapelinho «mignon» que se enovela em complicações de laços, de nós, de flores e passarinhos.

No fundo, tem de haver entre nós—e há—uma grande e instintiva soma de possibilidades de adaptação ao ambiente. Do que falta—a moda compensa-nos do desgosto, decretando ser moda passar-se sem... Foi assim com os automóveis, é assim com a seda das meias, pelos vistos é assim com o próprio juízo—que não há e que se escusa.

E a diferença entre a falta de juízo e as outras falhas é esta: que ninguém iria para a «bicha» para o arranjar, pois que o juízo parece ser carga excessivamente pesada para que possa mover-se à vontade, na vida, a turba do nosso tempo. Só há dois pormenores a adjuntar: que nem a turba do nosso tempo será muito diferente da de todos os outros tempos, nem cada um de nós deve ser tão tolo que julgue ter direito a excluir-se do mal que se registar como pesadêlo e vício dos outros...

Vida MUNDIAL Ilustrada
PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
DIRECTOR: JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
EDITOR E PROPRIETÁRIO: JOAQUIM PEDROSA MARTINS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GARRETT, 80-2.º — LISBOA
TELEFONE: 25844

O illustre dramaturgo João Corrêa de Oliveira acaba de obter para um dos seus cães—um formosíssimo Setter inglês que dá pelo nome de Bob de Belinho—tôdos os prémios e tôdas as honras a que pode aspirar o mais orgulhoso amator canino. De facto, na recente exposição do Jardim Zoológico, o nosso Bob obteve, aliás justissimamente, tôdas as honras. Deram-lhe uma taça, encheram-no de medalhas, embrulharam-no em diplomas—e vão oferecer-lhe um banquete no Aviz. Razão tinha António Corrêa de Oliveira, ao dizer-nos, apontando o famoso Bob: — Se eu fosse invejoso, queria ser Setter!



AO lermos o curioso prefácio escrito por Augusto da Costa para o seu último volume, Solar Desabitado, mais uma vez perguntamos a nós próprios:

— O que será um romance?

Desde que não há uma fórmula que caracterize ou defina o género—o género admite inúmeras fisio-nomias literárias. Pela nossa parte, se nos interrogarem sobre que é, fundamentalmente, um romance, não hesitaremos na resposta:

— Um romance... é isso mesmo!



VIDA Mundial Ilustrada criou a sua roda um núcleo valioso de artistas que o público aprecia. Pertencem uns já ao domínio dos consagrados — e ai temos esse velho rapaz que é o Stuart; pertencem outros ao domínio das novas revelações — e ai temos Santana e Zeco, dois artistas de facto moços que trouxeram às páginas da nossa revista uma arte moderna e inconformável. É este grupo de artistas que «Vida Mundial Ilustrada» vai apresentar conjuntamente numa grande exposição e que, por certo, marcará como acontecimento artístico de relevo. O local e a data da inauguração desta exposição serão em breve anunciados.



KNAPPERTS-BUSCH

Director da Orquestra Filarmónica de Berlim, que tão assinalável triunfo obteve entre nós, recentemente, com a sua apresentação em S. Carlos e, depois, no Coliseu dos Recreios, vai regressar ao seu país por êstes dias.



DR. IVO CRUZ

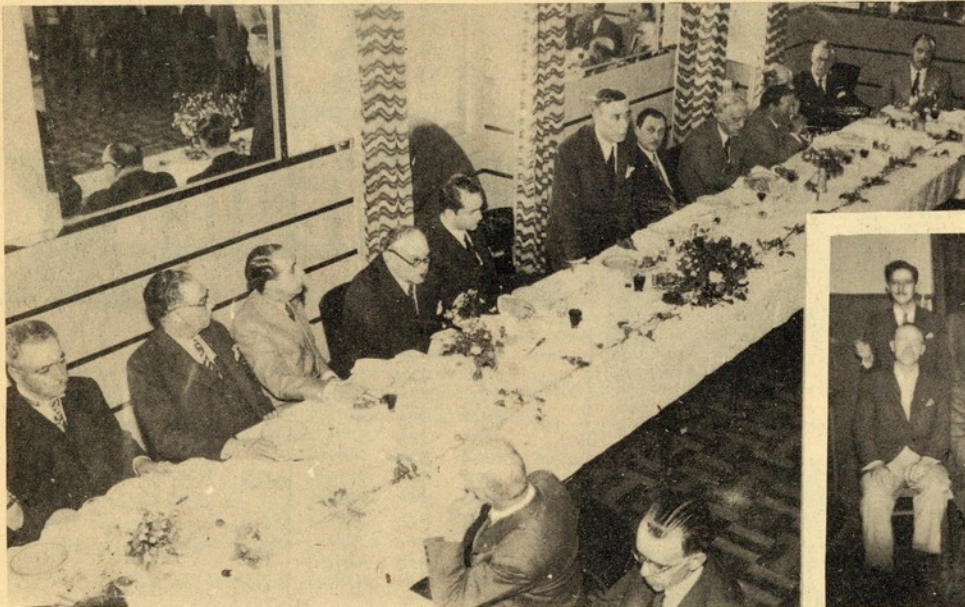
Director do Conservatório Nacional e unificador dos nossos meios musicais. A Sociedade Coral Duarte Lôbo, que dirige com o melhor da sua competência, obteve recentemente especial êxito no S. Carlos, que foi uma revelação da arte musical.



MIGUEL TRIGUEIROS

Um poeta novo que não despreza os moldes clássicos da poesia, publicou o seu segundo livro de versos, «Deus». É uma elegia espiritual que coloca o seu autor entre os mais expressivos nomes da poesia mística.

actualidades GRÁFICAS



Decorreu muito animado o banquete de confraternização dos funcionários do Banco Pinto & Sotto Maior e durante o qual, como se vê na foto, falou o sr. Dr. Carlos Barbosa.



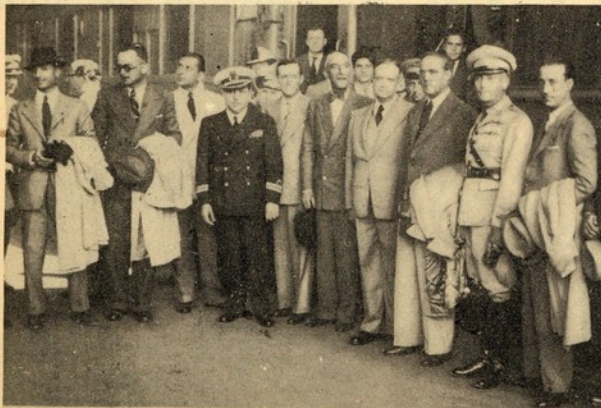
O «Grupo Pathé» reuniu-se para a distribuição de medalhas aos realizadores de melhores filmes de amadores, pertencentes àquêl grupo e que, por sua vez, homenagearam o grande animador do cinema «Pathé», sr. António Bernardo.



Na Emissora Nacional, perante o interesse do público, efectuaram-se as provas do concurso de cantoras da Rádio. Ao centro, e cercada de tódas as concorrentes, está a sr.ª D. Arminda Correia, vencedora do concurso.



A Livraria Sá da Costa inaugurou, recentemente, com a presença do Chefe do Estado, as suas excelentes instalações na rua Garrett. Na véspera, foram recebidos os representantes da Imprensa e outros convidados, para visitar as instalações.



Prosseguem as demonstrações de estima luso-espanhola. Os cavaleiros espanhóis, que vemos no momento em que chegaram ao Rossio, estão já a prestar brilhantes provas no Concurso Hípico Internacional.



Inaugurou-se a Feira Popular, iniciativa de «O Século», cujo produto reverte a favor da sua Colónia Balnear Infantil. Na inauguração, estiveram membros do govêrno que vemos ao lado do sr. João Pereira da Rosa.

Notas da SEMANA



A exposição canina é sempre uma nota de arte e mundanismo. A última, que foi, como sempre, muito bem organizada pelo Clube dos Caçadores Portugueses...



No Jardim Zoológico, revestiu-se de desusado interesse e afluência de concorrentes, não obstante serem rigorosas as condições do concurso, como esta foto nos mostra.



Funciona já, na Faculdade de Letras, a Secção Portuguesa do Centro de Estudos do Renascimento, organizado sob o patrocínio dos organismos intelectuais de Portugal e de Itália. Na foto, vê-se o comendador Negrelli falando na sessão inaugural.



A Federação das Sociedade de Educação e Recreio comemorou o XX aniversário da sua fundação, com uma luzida sessão solene e outros actos, a que presidiu o sr. Presidente da República.



Horas	Estações	Comprimento de ondas	Horas	Estações	Comprimento de ondas
7.45	WCRC	31.1 m. 9650 kc/s	18.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s	19.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
	WBWU	49.6 m. 6040 kc/s		WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
9.45	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s	20.30	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
12.45	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s		WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WDL	30.8 m. 9750 kc/s	22.00	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
13.45	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s		WGEA	25.3 m. 11847 kc/s
	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s	23.00	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
14.45	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s		WDL	30.8 m. 9750 kc/s
	WGEA	25.3 m. 11847 kc/s	00.45	WDL	30.8 m. 9750 kc/s
17.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s	01.45	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s

EMISSIONES DIARIAS

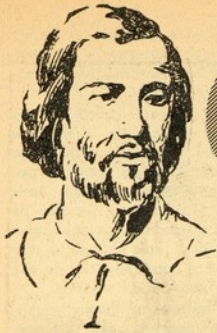
OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA



fala e o mundo acredita

Emissões em LINGUA PORTUGUESA

Hora de Lisboa	Comprimentos de Onda
08.45 — 09.00.....	49.10 m. (6.11 mc/s)
	41.96 m. (7.15 mc/s)
	41.49 m. (7.23 mc/s)
14.15 — 14.45.....	24.92 m. (12.04 mc/s)
	19.76 m. (15.18 mc/s)
	13.86 m. 21.64 mc/s)
23.15 — 23.45.....	1.500.00 m. (200 kc/s)
	261.10 m. (1.149 kc/s)
	42.13 m. 7.13 mc/s)
	41.32 m. (7.26 mc/s)



GIL VICENTE é Beirão?

AOLTA a falar-se da terra da naturalidade de Gil Vicente. Há dias, ainda, o sr. coronel Duarte Veiga levou o caso para a Sociedade de Geografia: era beirão o fundador do Teatro português. E, pela pena do sr. dr. Valentim da Silva, um mangualdense ilustre que nas horas vagas da sua aposentação na diplomacia se dedica a assuntos sérios — o caso foi tratado no Arquivo Provincial «Beira Alta».

Andam os beirões, portanto, apostados — com eles o visiente dr. José Coelho — em esclarecer o público e defender a tese: Gil Vicente era da Beira — de Guimarães de Tavares, ou Guimarães da Beira, ali a dois passos de Mangualde, na freguesia de Chãs de Tavares.

E do artigo do sr. dr. Valentim da Silva e da conferência do sr. coronel Duarte Veiga que respigamos elementos para esta página, longe de investigações alheias às que resultam das citadas fontes de informação.

Donde nasceu a idéia da naturalidade que se atribue ao autor do «Auto de Inez Pereira»?

Parece que já no século XVI a geografia era ponto difícil de exame e de erudição. Pelo menos, assim o pode ter demonstrado o alcaide-mor de Guimarães, D. António Lima, que num Nobiliário fala de Gil Vicente, filho de um ourives, a que uns dão o nome de Martim Vicente e outros de Luís Vicente...

Esta falta de conhecimentos de geografia — não ignoraria ele a existência de Guimarães de Tavares que, ao tempo, era terra de certo interesse concelhio? — aliada a outra que ainda hoje a gente das províncias conserva — a dos nomes duplos — não teriam causado tantas dores de cabeça aos dignos estudiosos de todos os tempos, em relação a muitos homens e factos?

Na verdade, de geografia, tanto como de franceses, anda arredia do conhecimento da grei — por outro lado há o facto das confusões de nomes, hoje mantida em documentos de actualidade:

— Como te chamas?

O rapaz que vai para a tropa, que vai para o Brasil e passa por registos e chancelas, de cada vez que responde dá um apelido, pois ele próprio não sabe qual é o verdadeiro nome: se o do registo, o do baptismo, o do crisma, o da voz do povo ou da família...



Auto de moralidade composto per Gil vicente. Por contemplaçam da sercillima e muerdo catholica raphadonna. Llano: noffa feição: e representada per feu madoado ao poderço pncepe e muy alto rey do Almanuel primero de portugal de este nome. Comença a declaraçã: e argumẽto da obra. E principeramente no presen. e auto se figura que no pto q acabamos despirar chegamos supitamente a bui rpo: bo qual perfoya aemos de passar: em bui de ocus bates q naquelle pto estã. E bui delle passa pera bo paiflo: e bo curo pa boumer no: os qes bates em cada bui fei arres na pa: oaly: do paiflo bui amoz: bo do inferno bui arres infernal: e bui companheyo o. Bo pmeyo e entrelucto: bo bui fado qe do qut: com bui page q he bui bui rabo muy compo: e bui caçã: e de pabate. E comeca bo arres do inferno de la mançã: ante que bo f: do lguo venho.

Auto de Moralidade — Para edição de Gil Vicente, de que existe um exemplar na Bib. Nacional de Madrid (R. 9438).

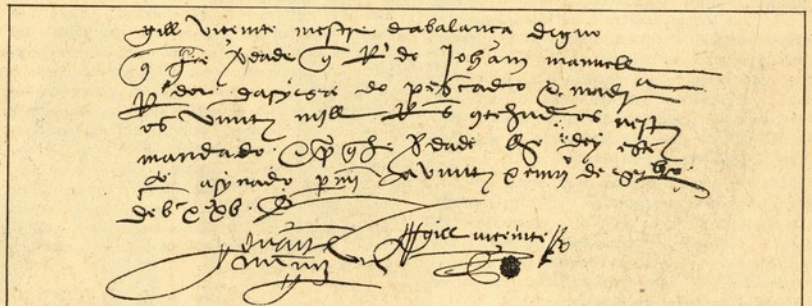
Para o caso não terá importância de maior a confusão. A defesa de que é do concelho de Mangualde o Gil Vicente do Teatro, que terá sido ou não ourives, assenta em duas razões fundamentais:

A essência da quasi totalidade da sua obra se inspirar em motivos beirões; a citação de uma Guimarães do Minho quando há uma Guimarães da Beira, com a coincidência de serem lugares limítrofes desta Guimarães aquéles que aparecem no Teatro Vicentino.

É certo que alguns escritores se referiram à forte influência beirora na formação psicológica do homem

tacam-se como imagens vivíssimas da paisagem beirora, são a transplantação de gente que ele viu e conheceu, de gente que ele arrancou às reminiscências da sua adolescência e fez mover no cenário da sua fantasia — longe de complicações de melindres de retratados...

O assunto está, pois, em boas mãos e deveria merecer o estímulo e o encorajamento de organismos que directamente tenham funções culturais. Porque se é certo que da vida desse homem nada se sabe que tenha base sólida e documental, pelo que a



«Gil vicente mestre da balança diguo q. hee verdade q. recebi de Joham manuell recebedor da syssa do pescado e madeira os vinte mill reaes contehudos neste mandado e porque he verdade lhe dei este conhecimento asynado per mj a vinte e cinco de setembro de be. e xb. duarte nunez Gil vicentes. (Doc. autógrafo de Gil Vicente, publicado por Brito Rebêlo, em 1902).

que se reflecte na obra do escritor. E, para justificar essa influência que não poderia, sem receio de chalaça, atribuir-se a distâncias — Carolina Michaelis, com Bell e Queiroz Veloso e Leite de Vasconcelos, admitem a possibilidade de uma larga permanência da infância nas terras beiroras.

Não sabemos se Carolina Michaelis, aliás sem desprimor para as suas altas qualidades de estudiosa e erudita, sabia da existência deste lugar das Chãs de Tavares. Mas o que não pode negar-se é a oportunidade da discussão do assunto, para valorização do estudo da obra de Gil Vicente e proveito da terra que lhe foi berço e que talvez lhe tenha formado a lexicografia pitoresca, de rica que é, e o conceito da obra quasi sempre escarminha, no avaliar dos homens.

O contacto do beirão, franco e escarnekedor, diferente do restante povo de outras províncias, foi o melhor cadinho dos sentimentos julgadores de Gil Vicente — porque só quem conhece a pureza de consciência sabe castigar sem varapau o homem inferior.

A distância e o tempo aproximam o individuo dos lugares onde se criou e formou: o plebeísmo da língua em que primeiro falou; o pitoresco dos costumes que praticou e a formosura das terras que o deslumbraram.

O sr. dr. Valentim da Silva não hesita em coordenar pormenores surgidos através da leitura atenta da obra de Gil Vicente e tirar conclusões de que devem andar arredados interesses bairristas, porque correspondem a um raciocínio imediato a uma leitura atenta. Gil Vicente é com certeza beirão, nado e criado numa aldeiazinha, paredes meias da risonha vila de Mangualde. As figuras do seu teatro des-

conclusão tem de ser de análise e interpretativa — a verdade é que ainda ninguém sabe onde começam e onde acabam os escaninhos das velhas bibliotecas de Lisboa ou da província.

E o assunto, como deve calcular-se, interessa a gregos e troianos — para o caso, mais do que a minhotos e beirões que se disputam a honra de uma cõnterraneidade embaraçosa. É certo que de Guimarães do Minho ou de Guimarães da Beira — a obra de Gil Vicente permanecerá estruturalmente beirora, pois, ainda quando não procura para cenário de comédias o manto alvente ... Estrela ou fragas graníticas dos vales rasteiros, não lhe passa sem alusão, comparativa ou não, a gente e as terras beiroras. No substracto psicológico da obra reside uma estratificação de reminiscências preciosas que o sátiro, o sociólogo, o juiz e o moralista que vivem nêle não se esquecem de fazer lembrar que é lá de cima...



Antes da conferência do sr. coronel Duarte Veiga, na Sociedade de Geografia

7 DIAS DE Cinema

POR FERNANDO FRAGOSO

DE todas as «séries» que Hollywood edita em obediência à fórmula «dar ao público aquilo de que o público gosta» — a «série» Kildare é a mais... séria. Porque das diversas aventuras em que o jovem assistente do Dr. Gillespie se acha envolvido ressaltam sempre nitidos exemplos de isenção profissional, de devoção à tarefa a que se consagrou, de renúncia a todos os mandatos e imperativos que não sejam os interesses superiores que comandam a vida do médico, quer em relação aos doentes, quer ainda, e acima de tudo, ao exercício da Medicina.

Mas há outros aspectos que essas películas põem em relevo: o respeito do médico pela ciência e experiência dos mais antigos; a veneração pelos pais; a lealdade e a camaradagem em relação aos seus colegas — e um desprendimento pelo dinheiro, em benefício do culto pela carreira, que parece paradoxal na terra dos dólares...

Com efeito, os «internos» dos grandes hospitais americanos ganham apenas 20 dólares mensais (cerca de 500 escudos da nossa moeda). Têm vida de clausura, com obrigações pesadas, e regime quase conventual, no que toca à renúncia dos prazeres da vida terrena. E, apesar de tudo, nas grandes catedrais brancas, onde a vida e a morte travam a luta eterna, esses rapazes de «bata branca», sacerdotes da Medicina, preferem à cómoda carreira de «médico mundano», a existência febril e sacrificada a que o hospital os obriga. O facto explica-se pela existência duma mística profissional, que nos parece digna de exaltar e de pôr em relevo.

Os médicos portugueses, que foram destacados para as grandes clínicas «yankees», com «bolsas de estudos» — atestarão, porque viram com os seus olhos, a verdade dos filmes do Dr. Kildare, pelo menos sob este aspecto. E talvez possamos encontrar neste facto, pelo menos em parte, o desenvolvimento atingido pela medicina e, nomeadamente, pela cirurgia na América do Norte.

* * *

Não resta dúvida de que o público tem predilecção especial pelos filmes dos «homens da blusa branca». O «Blair Hospital», com o seu mundo heterogéneo, no vai-e-vem contínuo dos doentes e satélites — lembra um grande hotel, onde cada hóspede vive intensamente um caso apaixonante. Com a vantagem de que esse caso se observa e se discute, e não fica circunscrito ao ambiente íntimo de cada quarto. Médicos e enfermeiras conhecem-no a fundo e procuram, por todas as formas, com o recurso da ciência ou os ditames do moral social, resolvê-lo — ou, quando tal não é possível, disfarçar-lhe a acuidade, demorar ou protelar uma decisão inexorável.

A casa onde centenas de pessoas trabalham para debelar o sofrimento físico do semelhante tem uma expressão social de que não podemos alhear-nos. É porque o caso de cada um dos

doentes, pode ser, amanhã, o caso de cada um de nós — assim se explica a ansiedade, a curiosidade com que nos debruçamos sobre esse mundo. Curiosidade e ansiedade tanto mais intensas, quanto é certo que só o cinema nos permite, na qualidade de meros espectadores, passar os nossos olhos sobre o panorama inacessível das salas de operações e dos gabinetes dos médicos, sobre os bastidores desse palco imenso, onde o drama tem, por vezes, aspectos insuspeitos — e ao mesmo tempo devassava a própria ansiedade daqueles que perante o doente têm que inspirar fé e confiança e que tantas vezes, afinal, se debatem em dilemas e incertezas das mais atrozes.

Os filmes do Dr. Kildare inspiraram ao doente de amanhã, muito embora nem sempre foquem casos e ambientes com óculos cor de rosa, a ilimitada confiança nos recursos e no progresso da própria ciência.

* * *

A roda do Dr. Kildare gravitam, nestes filmes, personagens-típicas do meio hospitalar. De todas elas, a mais curiosa, a mais bem marcada, é incontestavelmente a do Dr. Gillespie, mestre do diagnóstico, cuja ciência foi posta à prova e fortalecida, por uma sólida e longa experiência. Paralítico, conserva a inteligência viva. A idade azedou-lhe a maneira de ser e a permanência de muitos anos dentro do «Blair Hospital» deu-lhe a autoridade e o à-vontade necessário para dizer aquilo que pensa. É duma franqueza rudé, e aparentemente egoísta, mas bom e generoso, com entradas de leão e coração de pomba, dedicado pelos doentes e descuidado com a sua própria saúde — numa constante contradição entre a sua maneira de ser e a forma de agir... Gillespie, que não respeita as indicações dos colegas quando dizem respeito aos cuidados que ele, como doente, deverá observar, obedece cegamente à velha enfermeira-chefe, que é, dentro da sua esfera de acção, uma Gillespie de saias... E muito embora a ciência o absorva — não desdenha os «potins» do hospital, os namoricos e os «pequenos es-

cândalos» que fatalmente se dão, uma vez que os Regulamentos, por mais rigorosos que sejam, não podem eliminar estas duas realidades: médicos novos e enfermeiras bonitas...

De todas as figuras, a menos lógica é a do Director do Hospital, o Dr. Carew. A primeira vista, dir-se-ia que deveria ser a pessoa de maior autoridade... profissional. Tal não acontece, porém. Quasi sempre, erra nos julgamentos, ouve descomposturas do Dr. Gillespie — e procede de forma a ser contrariado nos seus propósitos, pelas enfermeiras... Mais parece um argenteiro que haja construído o hospital, como negócio, do que um Director em toda a acepção da palavra.

A enfermeira Mary Lamont, estilizada, embebecada, eternamente apaixonada pelo Kildare, parece-me angélica de mais para tão perigoso meio. No entanto, é possível que as raparigas americanas, nas suas condições, sejam assim — e neste caso só me resta felicitar os «Kildares» de todos os hospitais «yankees». A constância e a devoção são inspiradas no mais puro e desinteressado Amor — realidade que compensará os «internos» dos vinte dólares por mês...

* * *

A guerra veio acabar com os filmes do Dr. Kildare. Lew Ayres, que encarnou em todos eles, a figura do «médico-detective, que diagnosticava com o coração», recusou-se a combater, com a declaração pública de que considerava condenável matar o seu semelhante, imbuído certamente das idéias pseudo-pacifistas de filmes como «Quatro de Infantaria» e «Nada de Novo na Frente Ocidental», do último dos quais, aliás, foi intérprete. Esta atitude, valeu-lhe o ostracismo, a que os estúdios o votaram.

Hollywood, porém, não desistiu da série, que passou a denominar-se do «Dr. Gillespie», aliás a figura mais curiosa da galeria habitual. Para o ano, possivelmente, veremos o primeiro filme. E ansiamos, por ele, quanto mais não seja para sabermos se a Mary Lamont continua a vestir pelo mesmo figurino — e se o Dr. Carew se conserva ainda à frente do «Blair Hospital», cuja organização modelar nos surpreende, tendo como autoridade suprema uma personalidade que não pode considerar-se «the right man in the right place».

A menos que se trate duma daquelas convenções dramáticas, de que nos falava o Jovet...



Lew Ayres e Laraine Day.

CALCADA DA GLÓRIA

CRAVOS E...

Certas saúdaes ocultas
São custosas de aturar,
Por isso pego na banza
E toca a desabaçar...

|| ||

O pão branco e delicado
Se ouvires dizer que morri
Não te rias, meu amor,
Foi de saúdaes por til!

|| ||

Alguém disse que a manteiga
Nada custa ao coração!
Esse alguém que a vá comprar,
E verá se custa ou não.

|| ||

O azeite tem seis letras,
E seis letras musicais:
Sonhos, dor's, sorrisos, lágrimas,
Lembranças, suspiros, ais...

|| ||

Batatas tem-nas a terra
Batatas tem-nas o céu,
Tóda a gente tem batatas
Tóda a gente—menos eu...

|| ||

Da côr da rôxa saúde
Se vestiu meu coração,
Anda de luto, coitado
Porque lhe falta o carvão.

|| ||

Farinha, querida farinha,
Volta, de novo, ao meu vaso;
Porque tens outros amores,
Já de mim não fazes caso.

|| ||

Desfolhei um malmequer
Certa manhã à janela,
E êle me segredou:
— Não há vaca, nem vitela!

ULRIQUEIDA



Do ventre de Minerva qual tesouro,
Nasceu um sabichão de grave fama,
Que os livros presa, os incunábulo ama.
E faz do cobre prata e da prata ouro.

Arranha o maru latim, percebe o mouro,
Sabe que Deus em turco Allah se chama;
É tudo quanto quere envolto em ihama
D'aquilo que se aceita sem desdouro.

Espalha os mil talentos de que gosta
Em mil coisas várias—bem sensato!—
Para colher do mundo o mel dulcíssimo...

É nada em verso, quasi tudo em prosa.
Não conheces leitor, neste retrato
O snr. Ruy Enes Ulriquissimo?

ELMANO SALGADINHO

MANGERICOS

O arroz é uma flor
E dispõe-se em qualquer vaso
Mas hoje arroz, salvo seja,
Só se encontra por acaso...

|| ||

Como é bela a Natureza
Cheia de luz refulgente!
Mas por ti, bom bacalhau,
Choro e gemo amargamente.

|| ||

Ó açúcar, meu encanto,
Espelho do meu sentido,
Por ver vossa Majestade
Eu ando cego e perdido.

|| ||

Eu cheguei aqui agora
Aqui agora cheguei:
Mas só encontrei saúdaes
Batatas não encontrei.

|| ||

Tenho um sonho na minh'alma
Todo feito de ilusões:
Jantar sôpa e quatro pratos
Tudo por oito tostões!

|| ||

Eu hei-de mandar fazer
Um barquinho, pois então,
Para pescar a sardinha
Nas águas da ilusão...

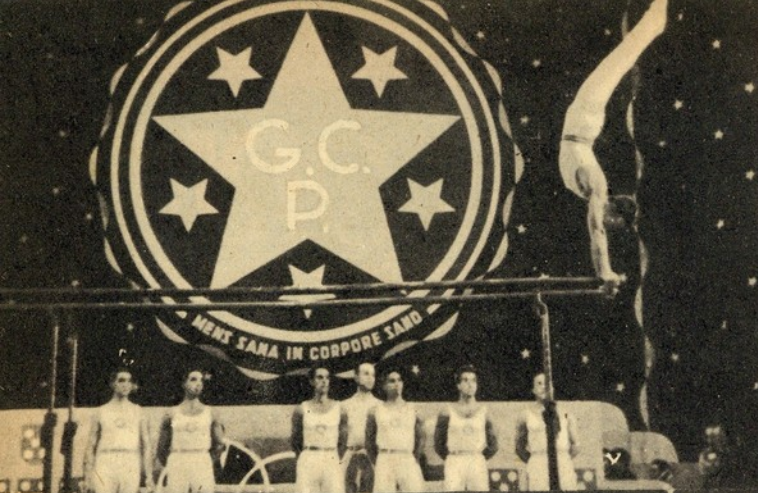
|| ||

Fiti ao mercado da vila
E um cesto carreguei,
Só de saúdaes e penas
Porque ovos não achei...

|| ||

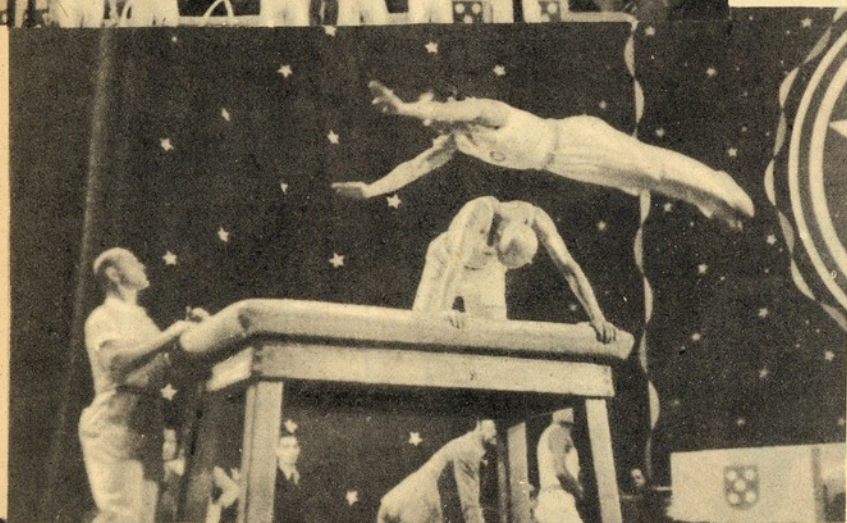
Quis colher da tua boca
Uma cereja, a sorrir,
Estive três horas na bicha
Acabei por desistir...

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES



O GINÁSIO CLUBE PORTUGUÊS

no Coliseu



A nossa terra, que já está habituada às grandes manifestações desportivas, organizadas dentro dum critério salutar para a vida do povo, assistiu, há dias, a mais valiosa demonstração do nosso esforço, a favor do bom desporto. De facto, foram das melhores que entre nós se têm apresentado, as exhibições dos rapazes e raparigas do Ginnásio Clube Português — uma velha e gloriosa legenda na história do desporto em Portugal. Num cenário rico de cor e de expressão, os 70 anos do G. C. P. foram evocados e reafirmados no que tem de mais brilhante e de útil perseverança e sacrifício. Desde as classes de ginástica educativa e musicada, às demonstrações de jogo de pau, «box», esgrima, «mura» infantil e mesa alemã — em que o professor André Schwartz interveio com o saber de uma larga competência — o público soube corresponder, com aplausos vibrantes, aos esforços de uma colectividade briosa que sabe bem que o caminho do futuro é apenas o prolongamento de um passado admirável.

(Fotos Jorge Garcia)



JÁ SABIA

Onde fomos buscar ISTO?



Estes motivos adornam a base do Monumento da Restauração que todos os dias olhamos na fuga dos automóveis...



Pés ágeis e leves, que fomos buscar ao garoto dos jornais que apregoa a fama de Trindade Coelho.



Neste gesto da Morgadinha de Val-Flôr, como que se sente um grito de protesto. Será contra Pinheiro Chagas que a fez tão vulnerável?



Caiu o manto da fantasia à estátua da Verdade, no monumento do Eça e espalharam-se as rosas...



Pés fincados, rema-que-rema, nesta imagem da luta pelo pão, sobre o mar revólto, ali de frente do Tejo.

Dos livros e DOS HOMENS

★
POR LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

FACA DE PAPEL NO LIMIAR DUM NOVO ROMANTISMO

O *Cardial Patriarca de Lisboa* — Príncipe da Igreja e Mestre do pensamento português contemporâneo — publicou, pelas Edições Gama, um novo livro: «Vinte anos de Coimbra».

— «Viagem no meu jardim», eis o título do volume em que Augusto de Castro reuniu agora alguns dos seus mais recentes editoriais no «Diário de Notícias», crônicas brilhantíssimas de categoria intelectual europeia.

— A Livraria Portugália Editora, a cujo labor, superiormente orientado, é justo render encomios, acaba de publicar uma seleção dos «Melhores contos americanos», que está obtendo justo e grande êxito.

— A mesma livraria publicou agora «A granja de Stepanichikovo», de Dostoievsky.

— Manuel da Fonseca — cujo livro de estreia, «Aldeia Nova», foi autêntica revelação — está trabalhando num romance.

— Vai sair, em edição da Parceria António Maria Pereira, a conferência «O romance e o romancista» que Joaquim Paço de Arcos pronunciou, há dias, no Circulo Eça de Queiroz.

— Chegou a Portugal mais um número da revista «Cultura política» que se publica no Rio de Janeiro, volume mensal de estudos brasileiros, dirigido por Almir de Andrade.

— Também já está em distribuição nas livrarias um novo romance de Erico Veríssimo, recém-chegado a Portugal: «O resto é silêncio», grosso volume de quatrocentas páginas em que o romancista brasileiro segue a técnica utilizada em «Caminhos Cruzados», e que tanta discussão provocou nos meios literários dos dois países.

— Oliva Guerra está trabalhando num novo livro de poemas, a sair brevemente.

HÁ tempos, e a propósito do último livro do poeta Campos de Figueiredo, escrevi para a página literária dum diário lisboeta um artigo com este título: «No limiar dum novo romantismo». Não hesito em o retomar agora para encabeçar estes apontamentos, sugeridos pelo livro recente da poetisa Natércia Freire: «Horizonte fechado».

Creio, na verdade, que estamos no limiar dum novo romantismo literário e que assistimos, neste momento, a uma evolução que talvez não queira dizer rigorosamente retrocesso, mas que tem pouco de inovação. Terá o mundo perdido, por agora, a possibilidade de renovar — e sabe Deus até que ponto a guerra, que põe os homens brutalmente em face das contingências do imediato, terá de cumprir, um dia, aquele outro destino de transformação que não pode ser a aparente tendência de hoje a conservar. Na literatura, como no resto. Ou não estará a conservadoríssima Inglaterra em franca evolução? Outros países fizeram a sua adaptação aos tempos novos, já antes da guerra, e, para esses, o problema está resolvido. Mas em literatura — como em muitas coisas mais — o remédio talvez esteja num regresso que não quer dizer retrocesso. Regresso a fontes eternas e que, por isso mesmo, podem sobreviver: regresso à velha simplicidade humanista. Regresso à origem...

Em poesia está-se processando, sem dúvida, uma evolução digna de ser atentamente registada, valha, embora, mais como sintoma ou pormenor, do que como fonte de qualquer conclusão segura. O exemplo da França é aqui, mais uma vez, frisante. A evolução de Aragon, a poesia, nitidamente neo-romântica, de Pierre Emmanuel, a sussurrante confidência de Paul Eduard — são documentos de romantismo, não de romantismo-atitude, com essa profusão orgiaca de palavras em liberdade, que era comum aos românticos, mas também já muito longe da obscuridade metafísica (para mim tão mais representativa de personalidade!) dos defensores da chamada poesia pura. Dir-se-ia que essa escola neo-romântica, saída em França da derrota de 40, embora nitidamente influenciada na sua gênese literária pela maneira rilkeana e pela poesia inglesa contemporânea, se caracteriza, essencialmente, por uma fuga do poeta perante os valores humanos directos, ao mesmo tempo que se refugia num sentido, digamos assim, etéreo, da existência. O encanto particular d'este

neo-romantismo, talvez efêmero, talvez simples parêntese e recurso, está numa abstracção frágil da vida, num «sentido do impalpável» que até na poesia puramente emocional e musical, como o *Cântico a Elsa*, de Aragon, esfuma de imprecisão irreal essa volúpia, própria do poeta em se exprimir através da sua poesia.

★ ★ ★

Será a poesia de Natércia Freire representativa d'esse neo-romantismo? Eis o que não se pode desde já localizar. Há uma evolução nitida da poetisa desde o seu outro livro que conheço — O meu caminho de luz, assim chamado salvo erro — até aos poemas de *Horizonte fechado*. Evolução ao encontro de si mesma. Verdade, verdade, não gosto lá muito da evolução formal num poeta. O poeta — diria, talvez, o Conselheiro Acácio — é, ou não é. Sendo — não tem que manobrar dentro d'este ou daquele sistema ou processo, mas sim fixar-se, de princípio, naquele modo de expressão poética que lhe foi imposto e que não foi, evidentemente, escolhido.

No seu novo livro, Natércia Freire confessa-se com muito mais amplitude, não se recusa aos olhos do leitor, na total pujança da sua angústia ou do seu entusiasmo. Sente-se que a sua poesia é eminentemente sincera, e que em *Horizonte fechado* renunciou, porventura, a qualquer atavio exterior que ainda a tenha marcado nos seus anteriores poemas. Uma identificação completa entre a obra de arte e o estado de alma íntimo do artista pode ser um perigo — é, com certeza, uma casca de laranja. Como se defende Natércia Freire d'esse escolho? Eliminando da textura, da substância da sua obra, os elementos sensíveis? Cairia na aridez hermética da poesia pura. Dirigindo-se mais à alma do que à inteligência? Escorregaria nos perigos do romantismo desenfreado, adulterando os valores humanos essenciais. É neste meio termo, talvez, que reside o segredo — e a dificuldade de sobrevivência d'esse neo-romantismo que o nosso tempo acordou para toda as experiências.

Nos seus poemas (para além de expressões forçadas em que insiste demasiadamente, tais como «guardar astros», «sonhar a sêda», «lucuras transparentes», e de outras um pouco pueris, «eternuras pequeninas», e doultras dispensáveis, em sacrifício à rima: «Ninguém sabe mais — que morri sem ais»). Na-

(Continua na pág. 25)

APONTAMENTOS

«Dos homens e dos livros» não tem outro desejo senão o de ser um breve panorama da vida espiritual portuguesa, através do comentário às suas obras mais significativas e da breve notícia das idéias — e dos homens que as executam. Em dois números, apenas, de publicação, recebemos já inequívocos testemunhos de simpatia a que é justo ser grato.

No acanhado espaço dum página não poderemos, evidentemente, referir-nos a todos os livros que fomos recebendo, sobretudo numa época em que se publica tudo («não há pobreza que não dê em faturas», diz o povo), e em que a quantidade sobreleva a qualidade. Destacaremos, porém, aquelas obras que, de qualquer modo, valham pela intenção que signifiquem, pela vocação que representem ou pela afirmação que constituam. Obras que sejam, por forma evidente, representativas, ou que mereçam atenção mais detida, até pelos seus defeitos. Salvo excepções raríssimas (e os nomes vêm-nos ao bico da pena!) a crítica no nosso país continua a ser feita por mercenários ou incompetentes. Em certos diários os livros chegam à redacção e são distribuídos, ao acaso, ao primeiro redactor que appareça, pessoa estimável em geral, mas que interrompe um telegrama da guerra ou uma resenha de teatro para escrever à pressa um comentário precipitado e ignorante. Assim se faz a opinião pública sobre matéria literária no nosso país!

Alguns jornais diários resolveram dignamente o problema, criando suplementos literários que, de certo modo, correspondem às actuais necessidades de espírito do leitor — que as tem qualquer, por mais mediano que seja. Foi também o que fez agora «Vida Mundial Ilustrada».

Quanto ao resto... Não direi como Montaigne: «Este é um livro de boa-fé, leitor». Posso porém afirmar, com plena independência, que também esta página será, como todas as outras da revista, uma página de boa-fé. «Esta é uma página de boa-fé, leitor». E, também, de boa-vontade.

L. F. T.

PARA ser feita nesta secção a devida referência aos livros publicados, torna-se indispensável o envio de 3 exemplares de cada volume.

EPOPEIA DO Trabalho HUMILDE

«PEQUENOS pigmeus feitos gigantes», almas de bronze que o tempo vai gastando — ei-los que passam na longa caravana do trabalho: é uma horda disciplinada e humilde, infundável cortejo de sacrifícios, uma indesmentível afirmação de fatalismo são e imponderável... São tantos, os humildes — e humildes por quê? — os que caminham sob a bandeira do esforço sem recompensa honesta dos que pagam, são tantos os que se arrastam labutando, por essas ruas, durante um dia inteiro lisboeta... Durante um dia — e, às vezes, durante a noite. Formam um friso de tragédia, dessa que não se vê e não se conta — por não valer a pena... Ei-los que passam, movendo-se num fundo soturno como as caves bafiantes em que vivem, arrastando as dificuldades de um misero ganha-pão e de um largo dispêndio material.

Humildes, êsses que vivem uma epopeia honrosa de trabalho, à espera que a máquina lhes leve a palma ou que o dia de amanhã seja pior que o de ontem ou de hoje? Humildes, êsses pequenos gigantes que vencem dia-a-dia o obstáculo do seu calvário doméstico, com uns míseros trocos de cigarros e foinais?

Os homens diferem todos no carácter, mas são todos êles governados pela lei do dinheiro. As ilusões da vista e do sentido induzem-no, assim, a supor-se diferentes, porque, de facto, a existência consciente do individuo deixaria de existir e seria incomportável com as fraquezas humanas — se não se chegasse à conclusão de que há, com base científica espontânea, a posição social, aliás bem estável, como não poderia deixar de ser. O mundo social tem os seus sóis psíquicos, os seus planetas espirituais, os seus satélites, em cada uma das esferas da actividade humana. E umas vezes uns sobem na balança da sorte, outras vezes grandes potentados do dinheiro se clipsam.

Êstes que «posaram» para a nossa objectiva, ricos da graça da sua força moral e física, pertencem actualmente à curva declinosa da sorte. São os que vivem de um trabalho esforçado sem recompensa: são os trabalhadores humildes dos canos de esgoto, das sentinas, os que nos limpam a chaminé e nos abrem a cova, derradeira — sabe-se lá! — moradia da matéria; são os homens-animal de carga, os que tratam de flores e nos engraxam as botas... Gente de profissão humilde, gente que come o pão que é suor do rosto, que luta, que trabalha pela água de cada dia; que se

emancipa, enredando-se sempre mais nas teias da miséria — pequenos João Ninguem que se avantejam, que se engrandecem na epopeia do trabalho humilde...

São os nossos companheiros de labuta, sem o saber; são os últimos abencerragens do sacrifício humano, os que nos tornam a vida menos difícil — mudando-nos os móveis, limpando-nos os sapatos, abrindo-nos o caminho à decomposição da matéria... Mas, além destes, quantos outros, quantos de profissão humilde inscritos sem saber na legião da tristeza e da pobreza: os moços de fretes, os guardas dos jardins, os pobres cantoneiros — grandes contingentes de humildade, quasi sempre cadastrados nos grandes livros da Câmara:

«Contemplem-nos, eis-nos aqui!»

A sua luta é do dia-a-dia, o seu heroísmo, que é permanente, despe-se de imagens literárias, de tropos fora do sentido humano, não se prestam a especulações políticas nem a conceitos filosóficos: são humildes, até na simplicidade da sua pobreza, calados consigo próprios, amigos e felizes, quanta vez, do seu destino. São homens como os mais homens — mas, como nenhuns outros, têm o segredo de amar e vencer as imponderabilidades do destino ruim, sem ter dinheiro, nem higiene no quarto sem janela, nem condições de trabalho leve, nem a certeza do amanhã sem fome, nem o disvelo de quem lhe prepara a máquina do trabalho. E tudo isto é uma arte difícil e invulgar...



COIMBRA, TERRA DE AMORES...

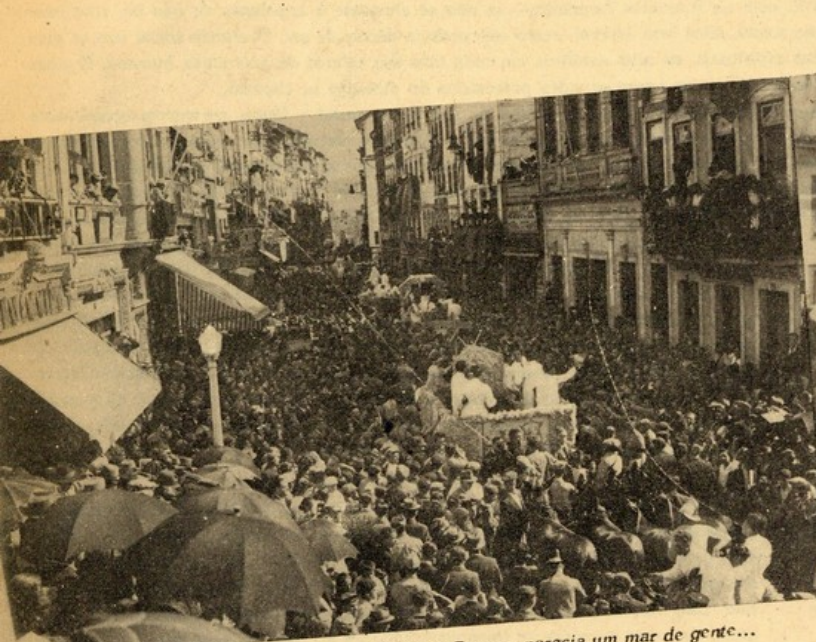
QUEIMOU AS FITAS DOS ESTUDANTES!

DESDE quando, esta celebração académica?

Levam o ano inteiro a sonhar com a queima das fitas e do «grelo» — e quando chega o fim do último trimestre já não há para os rapazes de capa negra realidade mais viva. Nem as raposas, nem as passagens são para eles preocupação mais funda: vivem a imaginar o carro do cortejo, os números de canto, os fatos que vestirão... E a mocidade que não é académica e que vive à sua roda, presa da magia do seu prestígio — vive com os estudantes a mesma graça plena... Tóda a cidade se associa, arrastando consigo o interesse do país inteiro: quantas jornadas, para ir a Coimbra à queima das fitas! E a doida mocidade, como um canto de cisne, um adeus à vida estroina dos bancos escolares, recebe de mãos e coração abertos o povo de meio Portugal...

Nenhumas celebrações académicas têm maior animação, mais brilho e mocidade do que a queima das fitas em Coimbra. No Pôrto e em Lisboa a academia perde-se no cosmopolitismo da urbe. Coimbra — é castiça, como um fado da Madragoa, uma tarde de sol na «calle» de Alcalá ou um samba no morro da Favela...

Coimbra não tem comparação, e o que ela faz, porque é assim mesmo, e vive da mocidade dos seus filhos de empréstimo, nenhuma outra faria. As suas festas, as suas loucuras, os seus amores, os seus rouxinóis — são dela e muito só dela, como esta queima das fitas, de que damos vários aspectos e que este ano se revestiram de um brilho que já estavam a perder.



O cortejo, quando passava na rua Ferreira Borges, parecia um mar de gente...



...que queria ver os engenheiros, neste carro da Torre Eiffel, em que...



...os estudantes da Faculdade também estavam representados...



Mas este grupo de quintanistas de medicina que já são senhores doutores — não precisa de carro...



...para fazer inveja a este grupo de confraternizantes caloiros e quartanistas de Direito.



No «Baile da Saúde» — o maior de Portugal — estudantes dizem adeus à vida alegre da escola...



...e recebem festivamente os artistas da Emissora Nacional que se apresentaram a animar a festa.



E foi aqui, no Teatro Avenida, durante o sarau, que os caloiros de 1900 levaram aos novos estudantes um abraço de simpatia...

Uma experiência de FISICA

NOVELA POLICIAL POR S. SCHMULEVITZ

I

ERA um belo dia de verão, ao meio-dia, quando o telefone, no gabinete do chefe do departamento de investigação criminal da policia do Cairo, retiniu alta e imperiosamente. O inspector James Wilkinson, que exercia esse cargo tão indispensável à segurança dos habitantes da pitoresca capital do Egipto, levantou o auscultador e perguntou:

— Hallô! Quem fala?

A resposta, ao que parece, surpreendeu-o, pois saltou da cadeira, como mordido por uma serpente.

— Quê? O velho Khaldy assassinado? Vou imediatamente!

O inspector desligou, pegou no chapéu e, abrindo a porta do gabinete, gritou:

— Hassan! Ali! O meu carro! Temos que sair já!

Os seus dois ajudantes precipitaram-se pelas escadas abaixo, afim de cumprir a ordem do chefe.

— Para onde, inspector? — perguntou Ali.

— Rua Fuad I, 29. É um assassinio — informou Wilkinson lacônicamente.

No prédio n.º 29 da Rua Fuad I reinava uma balbúrdia desenfreada e um tumulto ensurdecedor, quando o inspector e os seus dois assistentes chegaram. Os numerosos domésticos passavam nos corredores num constante vai-vem, enquanto se ouviam vozes de mulheres, chorando angustiosamente. Na sala de jantar, encontrava-se, além de meia dúzia de criados, um homem corpulento, tratando duma senhora, já idosa, estendida num sofá.

Ao entrar do inspector, o homem levantou-se e apresentou-se:

— Sou o Dr. Sarid, médico da família.

E, depois, explicando:

— Estou a tratar da sr.ª Khaldy. Desmaiou, quando viu o marido morto.

— Muito prazer em conhecê-lo, sr. doutor — respondeu Wilkinson. — Onde está o cadáver?

— Ali no quarto contíguo — indicou o médico.

— Queira seguir-me, senhor doutor — pediu Wilkinson.

— Com prazer, sr. inspector!

O inspector olhou em volta e disse para um dos ajudantes:

— Mandê sair essa gente toda!

Hassan cumpriu a ordem do chefe, aliás duma maneira pouco suave, e, depois, fechou a porta principal da sala de jantar, enquanto o médico abria a outra, e convidava o inspector a entrar.

Uma cena terrificante se revelou aos olhos dos presentes: Num «fauteuil» de luxo, em frente da única janela do pequeno quarto, estava sentado um homem de aspecto senil, que teria aproximadamente 60 anos de idade, com a cabeça, toda manchada de sangue, inclinada sobre o peito.

Em dois passos, o inspector aproximou-se do cadáver e pôde verificar uma pequena abertura na testa. Depois, voltou-se, e perguntou ao médico:

— Quanto tempo passou desde que o chamaram, doutor?

— Dez minutos, talvez.

— E quando o sr. cá chegou, o sr. Khaldy já estava morto?

— Pois claro, a bala matou-o instantaneamente. Quando cheguei, apenas pude verificar o

óbito, e depois comecei a tratar da sr.ª Khaldy que, como viu, perdeu os sentidos.

Wilkinson examinou o quarto e, depois, fitou demoradamente uma pequena mesa que estava em frente do «fauteuil», e em cima da qual se encontrava, além dum frasco de vidro polido e dum copo voltado, uma espingarda, com o cano dirigido ao «fauteuil».

— Deve ser este o instrumento do homicidio. Ali, dá-me um lençol!

O inspector pegou, então, cautelosamente na arma, aproximou o cano do nariz e, depois examinou os fechos. Estavam abertos e, dentro, encontrava-se um cartucho gasto. Depois a arma, dirigindo-se ao médico:

— Quem foi que o chamou, doutor?

— Não sei, fui chamado pelo telefone. Suponho que fôsse um dos criados...

— Bem, então vamos proceder a investigações. Ali, tu podes primeiro chamar o homem que encontrou ali o cadáver. Deve ser o mesmo que nos chamou.

O ajudante saiu e, passado um instante, regressou, acompanhado por um dos criados.

— Fôste tu que encontraste o «Efendi» morto? perguntou o inspector em árabe.

— Ai vooa, âna, ia havadja bulis! (sim, senhor policia, fui eu!) — respondeu o outro.

— Conta-nos como é que isto se passou!

— Eu estive ali na sala de jantar, a pôr a mesa para o almoço, quando ouvi um tiro neste quarto. Abri a porta e vi o sr. Khaldy — Allah tenha misericórdia da sua alma! — com a cabeça inclinada sobre o peito, e todo cheio de sangue. Vi também sair fumo da espingarda, e comecei a gritar: «Socórrô! Socórrô!», e então apareceu a senhora Khaldy, e quando viu o marido nesse estado, perdeu os sentidos. Depois veio o filho mais novo que é o sr. Said e ficou perplexo. Eu corri ao telefone e chamei primeiro a policia e depois o «Hakim» (médico), e não sei mais nada.

— Bem, agora diz-me: quando estava a arrumar a casa de jantar — sabia que o «Efendi» se encontrava no quarto contíguo?

— Pois claro, a esta hora o sr. Khaldy costumava a estar sempre sentado na cadeira, à espera que os seus filhos o viessem buscar para o almoço.

— Como é que disse: «o viessem buscar»? Então êle não podia andar sózinho?

— Não, senhor, era paralítico.

— Ah, paralítico!

O inspector tirou um pequeno livrinho da algibeira e tomou um apontamento. Depois prosseguiu o interrogatório:

— Esta janela, aqui, estava aberta?

— Estava, sim senhor!

— Bom. Por enquanto é tudo. Como é que te chamas?

— Ahmed Ibrahim al Gossara ibu Davud Hussein Abu-Arba beu Said Mohamet el...

— Acaba, homem! interrompeu-o Wilkinson. Essa serpente de nomes endoidece-me! — Ali! toma lá nota dêsse nome dos diabos e manda-o embora.

O inspector dirigiu-se depois ao médico e inquiriu:

— Quando o sr. doutor cá chegou, o filho do sr. Khaldy ainda estava neste quarto?

— Estava, sim, mas quando me viu correu para cima, sem ao menos me cumprimentar.

— Ele chorou?

— Não reparei, confesso — respondeu o dr. Sarid.

— Bem, então temos que chamá-lo, para sabermos a causa da sua pressa. Ouve lá, tu dos mil nomes, faz-me o favor de chamar o sr. Said!

— Sim, senhor policia, vou já, mas o seu companheiro ainda não acabou de tomar nota do meu nome...

— ...O diabo que te carregue! — desatou o inspector em fúrias. — Avia-te, homem!

Após alguns minutos, o criado voltou e declarou:

— O sr. Said não quer vir. Fechou-se no seu quarto.

— Caramba! — exclamou Wilkinson, irritado.

— Estamos bem aviados. Nesse caso, vamos continuar as investigações amanhã!

— Não deseja interrogar a senhora Khaldy?

— perguntou o médico.

— Não, não quero incomolá-la hoje. Deve ter sofrido um choque enorme, de maneira que não espero receber respostas razoáveis da parte dela.

Não merece a pena maçá-la; fica para amanhã. Hassan, embrulha a espingarda e entrega-a depois ao exame dactiloscópico. E manda para cá o fotografo. Vamos embora. Dr. Sarid, poderá estar amanhã à minha disposição, a esta hora? Talvez a sua presença me seja necessária.

— Com prazer, sr. inspector!

II

No dia seguinte, o inspector voltou, pelo meio dia, em companhia dos seus assistentes. O Dr. Sarid já se encontrava na sala de jantar.

Wilkinson mandou chamar primeiramente a viúva Khaldy. Embora sossegada, ela parecia triste e abalada. Quando entrou, o inspector ergueu-se e manifestou-lhe o seu pesar, em termos delicados. Em seguida, pediu licença para lhe apresentar umas perguntas.

— Pergunte à vontade, sr. inspector — respondeu ela, com calma e serenidade.

Após breve interrogatório, o inspector despediu-a, pois viu que nada lhe podia contar de novo. Acto continuo, mandou entrar o criado, detentor orgulhoso dos mil e um nomes.

— Ahmed, os dois filhos do falecido estão em casa?

— Sim, senhor policia!

— Então, irás chamá-los, depois de responder às minhas perguntas. Primeiro: tu não sabes a quem pertencia aquela espingarda com que mataram o sr. Khaldy?

— Pertencia ao sr. Khaldy! — replicou o criado

— Geralmente estava colocada em cima da mesinha ou pendurada na parede, ao pé da janela. Era muito antiga, há anos que não a usavam.

— Ah! pertencia ao «Efen⁴!»... O inspector tirou o seu livrinho do bolso, e registou o facto.

— Bem, agora diz-me: o sr. Said esteve ontem de manhã em casa?

— Parece-me que não, mas depois vi-o no jardim.

— A que horas, mais ou menos?

— Ao meio dia.

O inspector voltou a tomar apontamento, e depois inquiriu bruscamente:

— Êle calçava luvas?

— Calçava, sim senhor, o que me parecia estranho.

— E o outro filho?

— O sr. Jussuf?

— Sim!

— Esse saiu ontem de casa, eram dez horas, e esteve num café até que lhe foram dar a triste nova. Chegou, precisamente ao meio dia e vinte.

— Ótimo! Agora podes ir chamar o sr. Jussuf.
O criado Ahmed desapareceu e, enquanto o ins-
pector, mal-humorado, murmurava certas pala-
vras ininteligíveis, o Dr. Sarid perguntou:

— O exame dactiloscópico não deu resultado, ins-
pector?

— Não deu, não. Não encontramos sinal al-
gum. Mas, aí vem o sr. Jussuf Khaldy, vinal lá
ouvir o que nos vai dizer.

O filho mais velho da vítima, um homem alto e
magro, aparentando 35 anos, vestido com apri-
mo, entrou e cumprimentou os presentes com uma
ligeira reverência; depois, aproximou-se do in-
spector, dizendo:

— É o sr. inspector? Estou às suas ordens.

— Obrigado, sr. Khaldy. Poderá revelar-nos
onde se encontrava ontem, da parte da manhã?

— Estive no café «Orient» a jogar o xadrez
com uns amigos — explicou Jussuf Khaldy — até
ao meio dia e tal, que foi quando me levaram a
triste notícia. Vim imediatamente para casa, mas
já não o encontrei aqui, sr. Inspector.

— Muito bem. Agora vamos à pergunta nú-
mero dois: Seu pai teve inimigos?

— Só se fizesse sem eu saber — replicou Jussuf.

— O meu saudável pai era paraltico havia anos,
e quasi que não saia de casa.

— Muito obrigado, sr. Khaldy; eis tudo, por
enquanto. Se me fizesse o favor de chamar o seu
irmão?...
— Vou já, sr. inspector. Boas-tardes, meus se-
nhores!

Após um breve intervalo, entrou Said Khaldy,
o filho mais novo do assassinado. Wilkinson ex-
pressou-lhe, em poucas palavras, o seu pesar, e
começou imediatamente a interrogá-lo.

— Sr. Khaldy, poderá dizer-me onde esteve
ontem, da parte da manhã?

— Sai, no meu automóvel, afim de visitar uma
das propriedades do meu pai, fora da cidade.

— E a que horas regressou?

— Perto do meio-dia, — respondeu Said.

— Calçava luvas?

— Não entendo...

— Se calçava luvas...

— Calçava sim. Costumo sempre calçar luvas
quando viajo de automóvel...

— E quando saiu do carro, dirigiu-se imediata-
mente para casa?

— Não. Passei pelo jardim. Dei umas voltas e
fumei uma quantidade de cigarros. Estava muito
irritado porque descobri certos abusos na admi-
nistração daquela propriedade.

— Terá a gentileza de me revelar de que na-
tureza foram esses «abusos» a que se refere?...
— Lastimo, sr. inspector, mas não lho posso
dizer.

O inspector levantou-se e tossiu ligeiramente:

— Lastimo igualmente, meu caro sr. Khaldy,
mas, nestas circunstâncias, tenho que prendê-lo.

Wilkinson avançou um passo e, pondo-lhe a
mão no ombro, disse:

— Em nome da lei, Said Khaldy está preso!

— Estou preso, porquê?! — gritou Said, exci-
tado.

— Por ser suspeito como assassino do seu
pai — respondeu o inspector com voz firme.

III

Dois dias após os acontecimentos acima narra-
dos, abria-se a porta do gabinete do inspector, e
entrava um mancebo alto e loiro, de olhos azuis,
que teria aproximadamente 27 anos de idade.

Wilkinson, ao reconhecer o visitante, deu um
salto e correu a abraçar o jóvem.

— Meu caro Bob! Os deuses mandaram-te
para cá!

— Nesse caso, os «deuses» são os meus su-
periores em Londres. Passei por Alexandria, a
caminho da Índia, e não quis perder a oportu-
nidade de visitar o meu velho chefe!

— Bob, podes demorar-te alguns dias no Cairo?

— Posso, sim, respondeu Bob Clive.

— És a minha salvação! — exclamou o ins-
pector, regozijado.

— Mas afinal, de que se trata? — perguntou
Bob, admirado.

— Espera um instantinho. Primeiro, um «whis-
ky» com soda...

O inspector, depois de servir o jóvem dete-
ctive, sentou-se, ofereceu-lhe um «Abdullah», ser-
viu-se, em seguida, a si mesmo, e pediu:

— Agora, conta-me qualquer coisa da «merry
old England». Palavra, tenho tantas saudades,
que me vejo tentado a pedir umas férias!

— Isso fica para depois — respondeu Bob, —
já conheces o meu hábito: primeiro os negócios!

— Bem, nesse caso, ouve as razões da minha
confusão: Vive nesta cidade, a família Khaldy,
da mais nobre e mais rica aristocracia egípcia. O
que não quer dizer que não manobre formidá-
veis negócios de algodão e numerosas proprie-
dades. O pai: um paraltico; os filhos: Jossuf, de
35 anos, e Said, de 26, que dirigem toda a vida
administrativa da casa. Há poucos dias, o pai é
morto por um tiro de espingarda na testa. O in-
strumento do homicídio é encontrado numa mesi-
nha, em frente da cadeira de braços da vítima.
A janela do quarto que dá para o jardim (o
aposto encontra-se no rés-do-chão) está aberta.
O velho, segundo averiguámos, não teve inimi-
gos. Sobre a espingarda não se descobriram
quaisquer impressões digitais. O filho mais ve-
lho, Jossuf, emprega um alibi insofismável: este-
ve a jogar o xadrez com amigos seus, num café, e
todos testemunham que Jussuf não os abandonou
desde a manhã até à hora em que lhe vieram par-
ticipar a morte do progenitor. Apurámos que o
segundo filho, Said, se encontrava no jardim, de-
baixo da janela do quarto em que se deu o cri-
me, à hora em que se ouvia o tiro; e — o que é
o mais importante: calçava luvas! Daí se explica
a falta de impressões digitais na arma. desco-
brimos que se deram grandes abusos e desfal-
ques na administração dalgumas propriedades
pertencentes ao velho Khaldy. Sabemos igual-
mente que, no mesmo dia, o Said regressou duma
«inspecção» às propriedades. Todas estas gravis-

simas suspeitas recaem sobre o rapaz. Por con-
sequente, vi-me obrigado a «arrestá-lo». Porém,
a Imprensa não se dá por satisfeita com isto.
Exige a libertação do jóvem Khaldy ou, então —
provas concretas contra ele. Além disso, há mui-
tos oficiais egípcios que gostariam de ocupar o
meu posto, e vêem agora boa oportunidade para
mandar o rival inglês para a sombra. Isto é, em
resumo, tudo o que tenho para te dizer. Dize-me
agora se me queres auxiliar.

— «Wells», estou à tua disposição! Podes mos-
trar-me os protocolos?

O inspector abriu uma das gavetas da sua se-
cretária, tirou alguns «dossiers» e estendeu-os ao
jóvem detective.

Passou meia hora de exame e leitura atentos,
enquanto Wilkinson batia nervosamente com as
pontas dos dedos na secretária, fumando cigar-
ros uns atrás dos outros, interrompendo o seu
amigo, de vez em quando, com alguma obser-
vação acerca do calor excepcional.

Finalmente, Bob Clive levantou a cabeça e
perguntou:

— Tens alguma fotografia do quarto em que
se cometeu o homicídio?

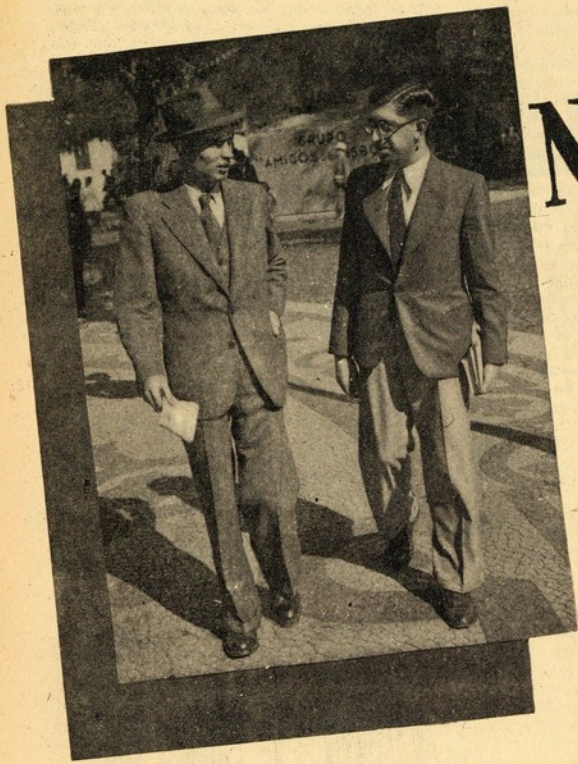
— Tenho, sim, olha...

Bob Clive pegou numa grande fotografia que o
inspector lhe apresentou e observou-a minucio-
samente, durante alguns momentos.

(Continua na pág. 23)



Sabe como se dispara sem pegar na arma?



NOVOS RUMOS...

O QUE É O ROMANCE PLANIFICADO

O EMBARAÇO DA CRÍTICA

Atiramos a Mota Júnior mais uma casca de laranja. É só para ver se ele escorrega:

— Influência do cinema...

É que ele «escorrega mesmo», como diz o brasileiro:

— Sim, se quiser, efeito do cinema, dos aviões, do que lhe apetece. Para mim, são efeitos da vida de hoje, trepidante, mexida, movimentada. Claro, para críticos de todas as categorias, tudo isto que eu estou a dizer-lhe é influência do romance estrangeiro. O diabo é que não acertam na paternidade... Nenhum deles. Esgotaram os dicionários de autores estrangeiros e não concluíram por nenhum.

Mota Júnior sorri:

— Você não calcula, meu caro! Têm-se farto de citar autores ilustres, por causa do meu livro... Quere que lhe diga? Já trouxeram à baila nada menos do que Huxley, Niechitz, Blasco Ibañez, e... Ponsou du Terrail, Eça de Queiroz e Xavier de Montepin. Mas também, vá lá, falaram de Kipling, Sinclair Lewis, dr. Paul Krnif, Forster, Dostoevski, o crítico Edmond Jaloux, o magnífico Tolstoi, veio Marcel Proust e até Sá de Miranda, além de outros, de muitos outros que não me recorde nem sequer conheço. Ah! e veio o Wells, êste muita: vezes e também não sei porquê...

— Isso só mostra a erudição da nossa crítica...

— Honra lhe seja! Mas é uma adorável erudição desperdiçada e sem critério. A viva força que nascer em Portugal e escrever romances tem de procurar padrinho lá fora!

— Gaspar Simões confessou lealmente que só apontaria os defeitos do seu romance...

RETRATO... OU CARICATURA?

Mota Júnior contesta:

— Eu aprecio o caso de Gaspar Simões com a maior simpatia. Compreendo o esforço enorme, violento até, que faz para manter de pé o seu equilíbrio moral, em luta permanente com uma rudeza natural, com a moléstia da desconfiança, o mau humor invencível, os ímpetus duma natureza rebelde, insociável, hostil, deixe-me dizer, provinciana. Veja as personagens do «Pântano», o livro em que se dá todo, em que se abandona à intriga sem guarda nem vigilância. Tudo são malquereças, invejas, ciúmes tolos, impotência, desagrado, medo do ridículo, medo do meio e dos camaradas. Gaspar Simões é a alma boa dos meios pequenos, a alma simples e medrosa, atirada de repente para o borborinho da cidade. Esconde-se, foge, olha de vief e quando tem de escrever, fecha os olhos e dispara as palavras de modo sacudido e, às vezes, como se estivesse detrás duma porta... Pode ter a certeza de que é assim... Bom, mas isto é conversar...

Nós concluímos:

— Claro, claro isto não passa de simples conversa...

E, como se vê, isto foi de facto conversa. No fundo, é tudo boa rapaziada.

A. LOPEZ DE OLIVEIRA

JOAQUIM Mota Júnior, «double» de jornalista e de escritor, é um homem metódico, um homem de horas certas, às tantas da tarde infalível a descer o Chiado, apressadamente. Não seria, pois, difícil ao jornalista encontrá-lo... ou fazer-se encontrado.

Claro, neste caso, não se trata nada disso. Foi um encontro fortuito, natural. Um destes encontros ocasionais, na Avenida, hoje quasi cosmopolita, com as suas esplanadas gritantes de colorido, Babel onde se falam os mais estranhos idiomas e onde, por vezes, se ouve também um incharacterístico sotaque de lá de cima...

Mota Júnior deliciava-se com o frescor da tarde, em conversa amena com amigos, quando nos abeirámos dele e lhe lançámos esta pergunta indiscreta, que seria impertinente se não se tratasse dum velho camarada:

— Então, como recebeu a crítica o seu livro? Lei o Gaspar Simões? Se calhar já lhe respondeu...

O autor do «Feitiço do Império», romance que nada tem que ver com o filme do mesmo nome, embora lhe inspirasse o argumento — sorriu muito à vontade, dando tróço rapidamente, como se a crítica o tivesse beliscado...

— Mas, já lhe respondi, homem. Já lhe agradeci com muito reconhecimento o tempo que me consagrou e até as observações que me fez! Compreende: eu não tenho nunca a presunção de que o trabalho me sai perfeito das mãos. Admito mesmo que lhe não comunique toda a expressão que desejaria, toda a vibração com que o sinto viver e desenvolver-se dentro de mim. É uma sensação de incapacidade ou de dúvida que me faz aceitar sempre de bom grado todos os reparos que me dirigem...

Confessamos o nosso pecado: assaltaram-na a idéia de que poderíamos obter declarações curiosas. Por isso observámos, já com a fisgada:

— Mas também recebeu elogios entusiásticos... E em duas ou três críticas, havia entusiasmo fora do vulgar...

— É certo. A maioria dos críticos tem-me feito êsse jeito e, cá para nós, recebi por terceiros o testemunho do agrado e da compreensão e simpatia do público. Mas, aqui há, quanto a mim, uma explicação: eu propus-me provocar determinadas reacções no leitor. E, como sabe, só reage ao ler quem possui a sensibilidade afinada. Isto é: quem se deixa penetrar sem resistência pelo espírito da leitura. É o caso de quem lê por prazer, de quem lê porque gosta de ler. Ora, nisto é que falha o nosso Gaspar Simões. É um crítico de merecimento, profundo conhecedor da técnica do romance, mas tem a sensibilidade empastada por uma super-leitura, pela

olha sem sentir e o que vê é a armadura do livro, o lado técnico, tal qual a criança que no delicado brinquedo de corda só vê a cor e a linha. O Gaspar Simões também não vê a alma do brinquedo... e, no entanto, segundo me parece, as obras de arte valem mais pela alma que as anima, do que pela forma que revestem.

O ROMANCE PLANIFICADO

A conversa deriva, naturalmente, para a técnica do romance. A discordância entre Gaspar Simões e o romancista — diz o crítico — reside apenas na técnica.

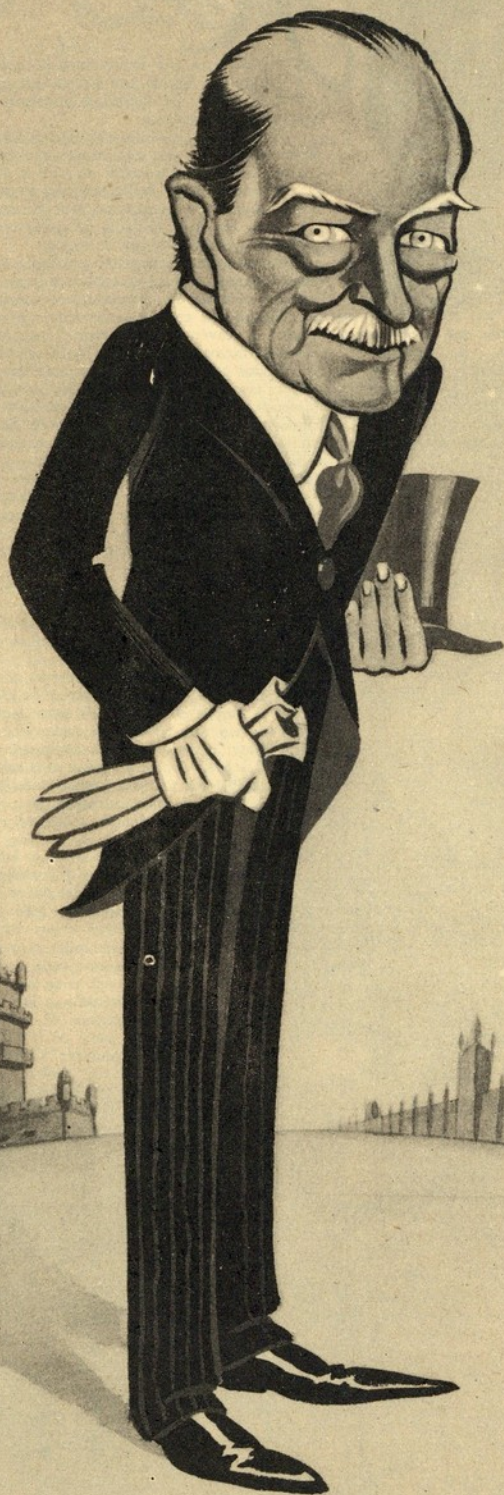
Mota Júnior, no seu último livro, fugiu dos moldes clássicos do romance. Por isso, a nossa observação:

— Mas não será um caso particularmente de escola?

— Decerto. Foi deliberadamente que adoptei aquela fórmula, aquela técnica talvez nova, talvez revolucionária, mas quanto a mim, não só defensável como aconselhável. Há por aí muito bom livro nacional e estrangeiro que eu, e pelo menos, não consigo ler. É o defeito da técnica decadente: rodeia, pinta, alonga, descreve, enlaça, entrelaça, enraiza, antes de entrar no assunto, antes de movimentar as personagens e a acção... Antes de se ver o homem, tem de se ver o recém-nascido, os respectivos papás e padrinhos, a cerimónia do baptizado, a primeira comunhão, a escola primária, os pontapés do liceu, o buço da puberdade...

Mota Júnior afirma com convicção:

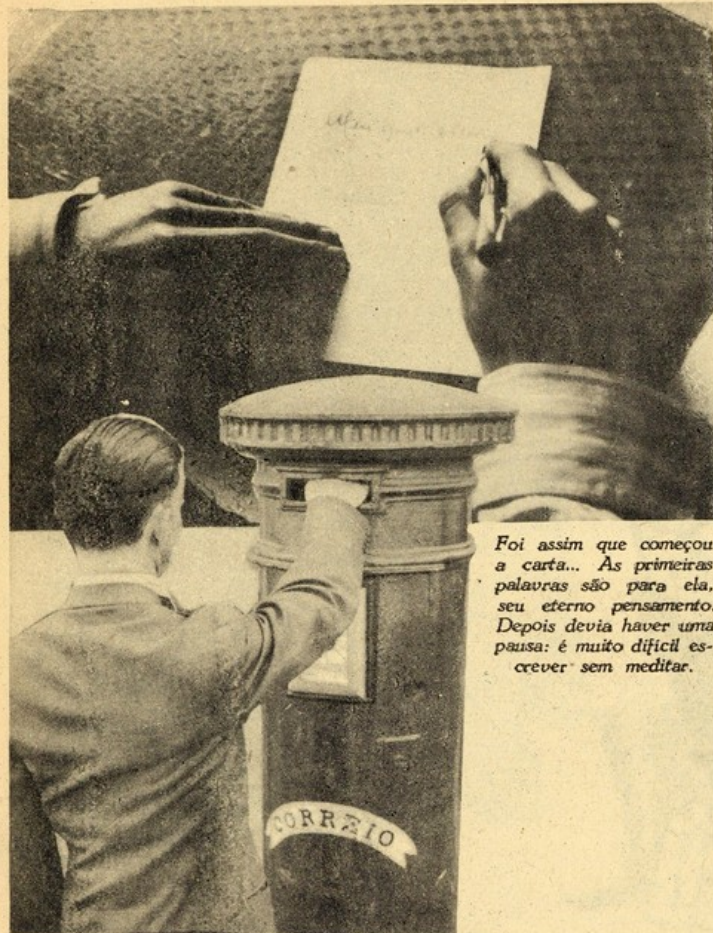
— Eu, na idade dos aviões e do cinema, da T. S. F. e da televisão, não suporto tais delongas, tão maçadora preparação. Prefiro ir direito aos actos, pôr as personagens em movimento, deixá-las revelar-se pelas suas atitudes, pelos seus saltos e recuos. Prefiro isto, a sentar-me cómodamente e contar que em certa época existiu um certo senhor, filho duma certa senhora, etc., etc. É um processo técnico que ainda não estará aperfeiçoado até à última expressão mas que ninguém tem o direito de insultar. Eu, para mim, prefiro a movimentação do «romance planificado», cheio de vida, ágil, vertiginoso, sádico, impulsivo, sem deixar de ser profundo em análise e espírito. Mas, não levo a mal que os outros prefiram a rotina da construção clássica...



O Embaixador sir Ronald Campbell, alta figura da diplomacia europeia, que representa no nosso país o Governo da mais antiga e sólida amizade portuguesa — a velha Inglaterra — É um magnífico penhor da manutenção de estreita estima das duas nações de tão íntimos contactos históricos.

(Caricatura de Santana)

História de uma carta



Foi assim que começou a carta... As primeiras palavras são para ela, seu eterno pensamento. Depois devia haver uma pausa: é muito difícil escrever sem meditar.

ESTA carta, por muito estranho que pareça, tem a sua história. Foi trapo, lixo, e a fábrica, um dia, em caixinhas cor-de-rosa, com boneca sorridente na tampa, vendeu-a aos capelistas e às tabacarias. E logo foi comprada para múltiplos destinos.

Houve o namorado que lhe meteu dentro pétalas murchas de rosas e a encheu duma letrinha nervosa com muitas exclamações, comparando os olhos da beldade ao luar traiçoeiro das noites de estio; o senhor burguês, em negócio pela província, levou-a na mala de viagem para contar à família, antes de se deitar, como ia o seu catarro e o crédito dos seus clientes; e até o colegial, no internato, sempre a teve ao seu lado, radiante de poder comunicar com os entes que lhe são queridos — mesmo na lonjura do espaço.

A correspondência estreita os laços de amizade — não deixa mesmo esquecer. Estando longe da família, o homem todos os dias pode conversar. E, a bem dizer, como se entrasse em casa e, entre os seus, desse conselhos em voz alta.

Por isso a carta encerra todo um mundo de esperanças, de saudades, de amor — e desventuras. Por uma simples fôlha de dez linhas, dentro dum envelope, abrem-se novos horizontes à vida. Por isso, pela manhã, o carteiro é uma ansiedade.

Todos o desejam. Quando não vem carta, alguns costumam dizer, sorrindo: «Antes isso, que más notícias!». Na verdade, assim é. Mas a carta que não chegou faz-nos pensar, andar mal disposto. No outro dia, porém, batem à porta. É o carteiro. A nossa emoção é profunda. Só aquele humilde servidor do Estado, já afeito ao hábito cotidiano de subir escadas e gritar por nomes, de nada dá conta. A missiva é aberta com impaciência — e o conteúdo devora-se, num instante. E só no fim ficamos satisfeitos quando se diz: «que todos ficamos bem, graças a Deus!». Só quem estiver longe da família, afastado por qualquer emergência, pode bem sentir a alegria que uma simples carta pode trazer!

É que aquelas letras, aquele papel, têm ainda o calor, o entusiasmo puro duma saúde que nos cativa: em três linhas, os beijos e os abraços, eram às dúzias.

* * *

O leitor decerto ainda não sabe as voltas que a carta dá, desde que a meteu, à tardinha, no marco da sua rua, até ser distribuída, no outro dia, pontualmente, pelo zeloso carteiro.

Descansadamente, escreveu a carta, mesmo à mesa do café, enquanto encheu o cinzeiro de pontas de cigarro. Nós sabemos: escrever à família é sempre difícil. Vamos para contar trinta coisas e quando pegamos na caneta não nos ocorre nada. Por fim, lá se começa, com a sacramental frase: «estimo que esta minha carta...».

Mas depois é que é o diacho. Faz-se uma paragem, espreme-se o cérebro e o aparo, a gotejar tinta, larga meia dúzia de banalidades. Quando se quer dizer o principal, já o papel está cheinho — e, então, vai nas margens em garatujas, à laia de palavras cruzadas para a família decifrar ao serão.

Depois da carta fechada o leitor vai à estação comprar o selo. Mas, coisa impressionante! — à bocadinha quando lá passou, as meninas ao «quichê» conversavam deleitadas, sem gente por atender. Devia ter comprado, então, a estampilha. Não quis, porém; agora, pronto, é pôr-se na «bicha». Quando chega a sua altura de ser atendido, nervoso, aborrecido pela demora, gagueja: «um selo de cruzado». A menina elucida: «Olhe que a franquia, para uma carta ordinária é, agora, de cinquenta centavos!».

É verdade que sim, já se não lembrava. Vê? se não fosse a amabilidade daquela gentil empregada, a correspondência chegaria multada. Sabe em quanto? Oitenta centavos. Se o destinatário não pagasse, a carta iria, por não ter remetente, para os refugos postais. Bem, caminhemos. O leitor comprou o selo. O que fêz? Colocou-o, evidentemente, no canto esquerdo, quasi em cima do Ex.^o Senhor. Cuidado, leitor. Os selos têm pouca cola.



O carteiro é um zeloso empregado que aparece sempre pontualmente. Agora vai ele abrir o marco e, no meio da correspondência, lá vai a «sua carta».

Última hora. As malas estão prontas — em breve farão uma longa viagem.

As estações têm sempre um frasquinho e um pincel — e é grátis! Muito bem, colou o selo!

Que vai fazer, leitor? Meter a carta no bôlso? Bom, então esquece-se de a deitar no marco e só quando puxar pelo lenço é que repara...

Ótimo! Ai há um marco — é mesmo defronte da estação. A que horas marca a abertura? Vinte e uma horas, não é verdade?

Para onde é a carta? para Lisboa, não é verdade? Mas Lisboa Norte ou Central? Há duas zonas. A Norte é servida pelas Picoas — a Central pelo Terreiro do Paço.

Rua João de Castro — é Central. O leitor não se importa mais com o destino da sua carta. Escreveu-a, comprou o selo, meteu-a no marco, pronto, ela lá irá ter. Pois sim, mas vamos ver o caminho que ela leva. As vinte e uma horas vem o carteiro, conforme marca o quadro envidraçado, buscar a correspondência. Há uma camioneta, pequena, vermelha, com o distintivo dos C.T.T. que percorre aquela área. Lá parou ela. Apeia-se o carteiro com o saco de couro. Traz nas mãos as chaves. Abriu o marco — e as cartas caíram da rede, para a mala. A camioneta largou. Para onde vai? A Central dos correios, ali ao Terreiro do Paço. Ai a azáfama é grande. Todas as secções estão permanentemente a trabalhar, secções evidentemente que tratam da correspondência. É preciso fechar malas, preparar os sacos dos registos, separar as amostras.

A sua carta, leitor, vai também no meio das outras. Uma grande montanha de correspondência. Os selos vão ser inutilizados. Para isso há umas mesas largas, onde dezenas de empregados, por turnos, com as marcas do dia, carimbam vertiginosamente. Chega a ter um ritmo de música aquêle bater em série. Seguidamente, as cartas são separadas. É digno de se ver a ligeireza e a perfeição com que aquêles homens trabalham. As cartas para a província têm diversos distritos — e, por consequência, várias linhas: é o vale do Sado, o Norte, Beira Baixa! Dentro de cada distrito há a vila e a povoação que têm correio. Os empregados, de pé, com o monte de cartas que, continuamente, em largos céstos vão colocando à sua frente, atiram, com uma certeza impressionante, as missivas para os cacifos. Não há um engano. Daí a pouco grita-se: Beira Alta!

E o fecho das malas. Numa tarefa, depressa, porque o combóio não espera, as malas são fechadas. Vêm os carrinhos e começa a carga para a camioneta. Depois, do Terreiro do Paço ao Rossio, à estação, é um rufo. E a sua carta, leitor? Essa já foi carimbada, separada, dentro da área — agora espera só que, pela madrugada, o carteiro a vá buscar, a ponha por números de policia e a distribua, conforme o seu desejo.

E pode ter a certeza de que, logo pela manhã, ai pelas nove e tal, o carteiro há-de bater à porta, com a carta que você escreveu descansadamente.

Eis a história da carta, leitor, e a vida, em síntese, de tantos trabalhadores que, disveladamente, te servem sem quasi te lembrares deles.

M. M.



...e ela, então, pela manhã ouviu o carteiro gritar pelo seu nome. Alvorçada abriu a porta. Era dele, dele — que lhe escrevia uma longa carta de amor e saudade. Fêz-lhe bem, ler! Como encanta receber notícias das pessoas que nos são queridas!



A sua carta vai aqui! Em cima dos carros passa agora, para a divisão. Ai será separada, num período de intenso tráfego.



Montões e montões de correspondência. Cada direcção tem o seu cacifo. Atenção: o mais pequeno descuido pode retardar a «sua carta».



CREMES

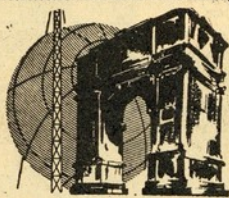
PARA DE DIA
E PARA DE NOITE



ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35
Telef. 2 1866 — LISBOA
Os produtos de beleza
RAINHA DA HUNGRIA

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade
Saões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

ESCUTAI



ROMA

NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Horas de Portugal	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7,40	Noticiário	2 RO 21	19,92	15060
		2 RO 4	25,40	11810
12,20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15,31	19590
		2 RO 8	16,84	17820
13,30	Noticiário	2 RO 8	16,84	17820
		2 RO 21	19,92	15060
17,00	Noticiário	2 RO 17	15,31	19590
21,00	Noticiário	2 RO 4	25,40	11810
		2 RO 3	31,15	9030
21,40	Noticiário	2 RO 6	19,61	15300
		2 RO 4	25,40	11810
		2 RO 18	30,74	9760
		2 RO 11	41,55	7220
		2 RO 26	48,23	6220
			221,10	ondas médias
23,30	Noticiário	2 RO 6	19,61	15300
		2 RO 19	29,04	10330
		2 RO 18	30,74	9760

CONVERSAÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

21,10	Aos domingos	39,80
21,20	As quartas-feiras	31,41

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE

Vida MUNDIAL

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES	ESTRANGEIRO (com convenção)
3 meses (13 números)..... 13\$00	6 meses (26 números)..... 40\$00
6 " (26 ")..... 26\$00	12 " (52 ")..... 80\$00
12 " (52 ")..... 52\$00	ESTRANGEIRO (sem convenção)
AFRICA PORTUGUESA	6 meses (26 números)..... 47\$00
12 meses (52 números)..... 68\$00	12 " (52 ")..... 94\$00

«VIDA MUNDIAL ILUSTRADA», é composta e impressa nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.^{da} — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. — Distribuidores exclusivos para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.^o — Telefone 2 6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Cartas bonitas, são "representativas"...

e cartas bonitas... são cartas

HALDA

O toque leve, os tipos bem contornados e o cuidado especial com que é fabricada uma das máquinas, contribuem para a beleza da escrita da «HALDA». Observe uma carta escrita com a «HALDA», e compreenderá a boa impressão que ela causa.



SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L.^{da}
RUA DA PRATA, 145 LISBOA
R. SÁ DA BANDEIRA, 339 PÔRTO
Telef. { 2 5281 2 2102

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA DA AMÉRICA

PAQUETE

"Nyassa"

Para FILADELFIA sai em 19 do corrente — Recebe carga e passageiros

NAVIO/MOTOR

"S. Tomé"

Para FILADELFIA sai em 22 do corrente — Recebe carga e passageiros

Os senhores passageiros devem apresentar as suas bagagens na Delegação Aduaneira de Santa Apolónia até à antevespera da saída dos navios

PARA MAIS INFORMAÇÕES:

Em Lisboa: Rua do Comércio, 79 e 85 Telef. 2 3021 a 2 3026
No Pôrto: Rua Infante D. Henrique, 73 Telef. 1434



A Corrida DOS "AZES"

Crónica por JAIME DUARTE DE ALMEIDA

POR motivos estranhos à nossa vontade, não nos foi possível inserir no último número a habitual referência às corridas do Campo Pequeno. Assim, é com um atraso de oito dias que vamos falar da melhor organização da temporada e bordar sobre ela ligeiros comentários que nos sugeriram durante a lide das rezas do sr. João Coimbra, de bom tamanho e bela estampa, mas difíceis em demasia — daquelas que põem à prova os verdadeiros recursos dos toureiros.

Com tais touros, a corrida não resultou tão brilhante como poderia esperar-se da excelência dos toureiros e prestígio do «ganadero», mas por outro lado deu-nos ensejo de apreciar perfeitamente as faculdades técnicas dos «espadas», que reúnam um conjunto verdadeiramente excepcional em que se destacavam os nomes de Domingo Ortega e Pepe Luiz Vasquez. Além de tudo, e como nota da maior sensação que muito contribuiu para a enchente que se registou (a afirmar uma vez mais que a «efficácia» se não assusta com o preço das localidades desde que lhe dêem bons «cartões»), reapareceu o cavaleiro Simão da Veiga que, pela forma como foi recebido, deve ter avaliado perfeitamente a quanta vontade todos tinham de o ver, e quanto pode ainda contar com esse público fiel que o acarinha como a nenhum outro toureiro. Escutou entusiásticas ovações, com volta ao redondel, flores, música e prendas — isto sem ter estado à altura do seu real valor. Deu-nos um pouco da sua alegria, do seu toureio característico, e tanto bastou para que os espectadores se lhe entregassem sem reservas e a sua actuação tivesse o sabor do triunfo.

Simão — já o dissemos — não esteve nas suas tardes mais afortunadas; no entanto, não podemos deixar de destacar detalhes admiráveis que bem justificaram a entusiasmo com que foram ovacionados, os dois ferros curtos com que terminou a lide do primeiro touro — em terreno tão apertado que só uma execução impecável pôde permitir que, as sortes se consumissem — e os dois magistrais pares de bandarilhas a duas mãos com que rematou o seu labor no quinto, colossais de precisão, de beleza e de emoção. Governando o magnífico cavalo apenas com as pernas, «citas» de caras parte sereno, diríamos a «passo de bandarilhas», para logo entrar recto, quartear quasi nada e deixar em todo o alto os dois ferros num conjunto de verdadeira harmonia. Esses dois pares de bandarilhas, assim cravados, forneceram o momento de maior vibração de toda a corrida, e levantaram o público, numá ovação delirante de entusiasmo.

Domingo Ortega mostrou-se o toureiro excepcional de todos já conhecido. Com o capote fez coisas lindas, patentando uma serenidade impressionante. Com a «muleta» realizou uma «faena» verdadeiramente extraordinária, que lhe valeu grande ovação com volta ao redondel e salda aos méritos.

Pepe Luiz Vasquez esteve igualmente bem com o capote. Com a «muleta» deu-nos uma das mais belas «faenas» que temos visto no Campo Pequeno. O touro chegou ao último «tercio» bastante difícil; Pepe, porém, disposto a conquistar palmas, conseguiu «emendar» os defeitos inicialmente apresentados pelo animal o que lhe permitiu executar passagens magníficas num trabalho de conjunto tão agradável que se aplaudiu com calor.

António Bienvenida compartilha das palmas que todos escutaram nos lances do primeiro «tercio», bandarilhado bem, sobretudo no primeiro par, em que tanto nos recordou o saudoso Manolo e com a «muleta» fez também uma «faena» bonita, com dois «naturais» com a esquerda, e um «molinete», perfeitíssimos.

Estabelecendo a comparação entre Ortega e Pepe Luiz — que muito bem poderiam constituir a «pareja» animadora do toureio actual — vemos quanto dissemelhantes são os seus estilos e como claramente ficaram definidos ante os touros de João Coimbra.

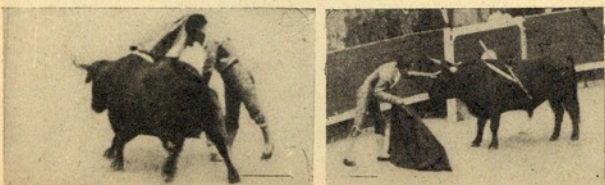
Em Ortega há uma calma, uma serenidade que assombra; em Pepe Luiz, uma graça, uma alegria que encanta. Qual deles o melhor? Para nós, Ortega. O seu toureio, sem deixar de ter emoção (pode exigir-se mais emoção que o daquele formidável «molinete» no sexto touro?) apresenta-se fácil, porque o domínio do touro é absoluto. Pepe Luiz toureia muito bem, mas não dá a sensação de facilidade porque domina menos. Ele e Ortega tiveram ambos a «faena» grande com touros de características idênticas. Pois bem: enquanto Domingo «venceu» o touro, o dominou tão completamente que acabou por fazer dele um brinquedo, Vasquez, com muitos mais passes, chegou ao fim sem «mandar» como convinha. Por isso é que podemos dizer que se a «faena» de Pepe foi das mais belas, a de Ortega foi das melhores.

No toureio moderno o domínio do touro passou a plano secundário, não só porque sendo as rezas de menor tamanho exigem menos cuidado na lide, mas também porque esse domínio é de certo modo incompatível com os «bonitos» que o público já não dispensa e exige em todas as «faenas», com todos os touros.

Desta forma, não é fácil encontrar-se toureiros que reúnam as qualidades necessárias à execução de um toureio a um tempo «sério» e «bonito» do que resulta a maioria dos actuais «matadores» praticar a segunda maneira, mais simples e de melhores condições de agrado. Há, porém, um toureiro que tendo um estilo depurado, consegue dominar completamente os touros: — esse toureiro, que é Ortega, não pode, pois, deixar de ser o primeiro, o melhor, o número um!

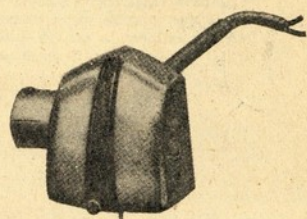
Alheio à comparação, António Bienvenida nem por isso deixou de nos agradar. É um bom toureiro, sem dúvida alguma, mas com um estilo já mais vulgar — sem uma personalidade vencedora.

O público, desta vez, teve um comportamento totalmente diferente daquele que há duas semanas nos mereceu reparos: soube aplaudir o que mereceu palmas, entusiasmar-se pelo que de facto foi empolgante e, sobretudo, compreender a impossibilidade de luzimento com touros que apresentavam dificuldades sérias. Tão profunda mudança deve-se, possivelmente, ao preço elevado dos bilhetes, que estabeleceu uma natural selecção de bons aficionados. Seja pelo que for, registamos o facto com verdadeiro agrado, certo de que a boa compreensão e perfeito espírito de justiça por parte de quem assiste às corridas de touros, as torna sempre mais animadas.



DISCOFONES

PICK-UPS
MOTORES
ELÉCTRICOS
GRAMOFONES
A maior variedade nos

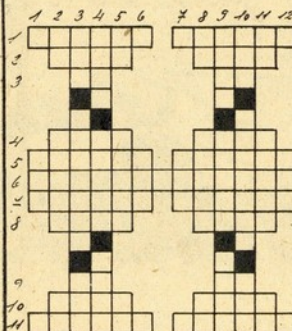


EST. VALENTIM DE CARVALHO

R. Nova do Almada, 97

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 69



sejas ardentemente. 8 — Reboca; Goslar muito de. 9 — Virtude teológica; Caminhar. 10 — Bola; Repercutir. 11 — Multo frio; Cobrir-se de flores.

VERTICAIS: 1 — Ferro combinado com carbão e endurecida pela temperatura. 2 — Lamento; Género de plantas gencianáceas; Chispe. 3 — Família; Pessoa importante; Bília. 4 — Nome de homem; Diverso; Quadro. 5 — Porco; Monstro fabuloso marinho semi-mulher e semi-peixe; Faz esmola (inv.). 6 — Dificuldade. 7 — Criada particular. 8 — Figura; Faz azeos; Receita (inv.). 9 — Fruto da limeira; Substituum; Macaco. 10 — Qualquer; Falar muito; Grande porção. 11 — Entrega; Trabalhar; Nesse lugar. 12 — Qualquer quadrapé que serve para alitmo do homem.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 68

HORIZONTAIS: 1 — Mar; Gó; Can. 2 — Iman; Cavo. 3 — Amarelado. 4 — Asa; Ira. 5 — Fiel; Mal; Fama. 6 — Hão; Ara. 7 — Desmazelo. 8 — Fato; Isca. 9 — Are; Sal; Oas.

HORIZONTAIS: 1 — Carta de jogar; A sorte grande na lotaria. 2 — Nome de homem; Monão. 3 — Bairrão; Perversa. 4 — Confusão; Lodo (inv.). 5 — Alguma pessoa; Ir em socorro. 6 — Obstáculo. 7 — Discursares; De-

VERTICAIS: 1 — Mi; Dia; Fã. 2 — Amã; Dar. 3 — Ramalhetes. 4 — Nas; Aso. 5 — Ramom. 6 — Fome; Amar. 7 — Lilaz. 8 — Car; Rei. 9 — Cada-falso. 10 — Avo; Oca. 11 — Nô; Ema; As.

UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, urticárias na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00



“His Master’s Voice”

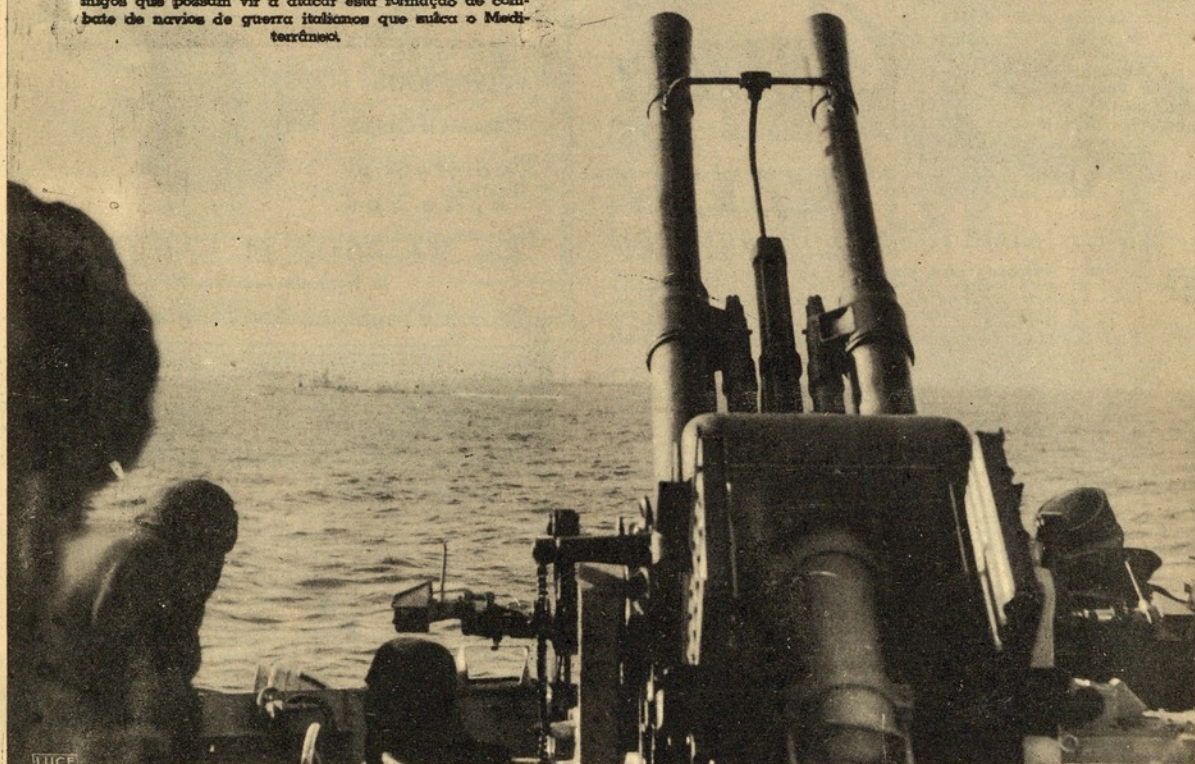


Rádio

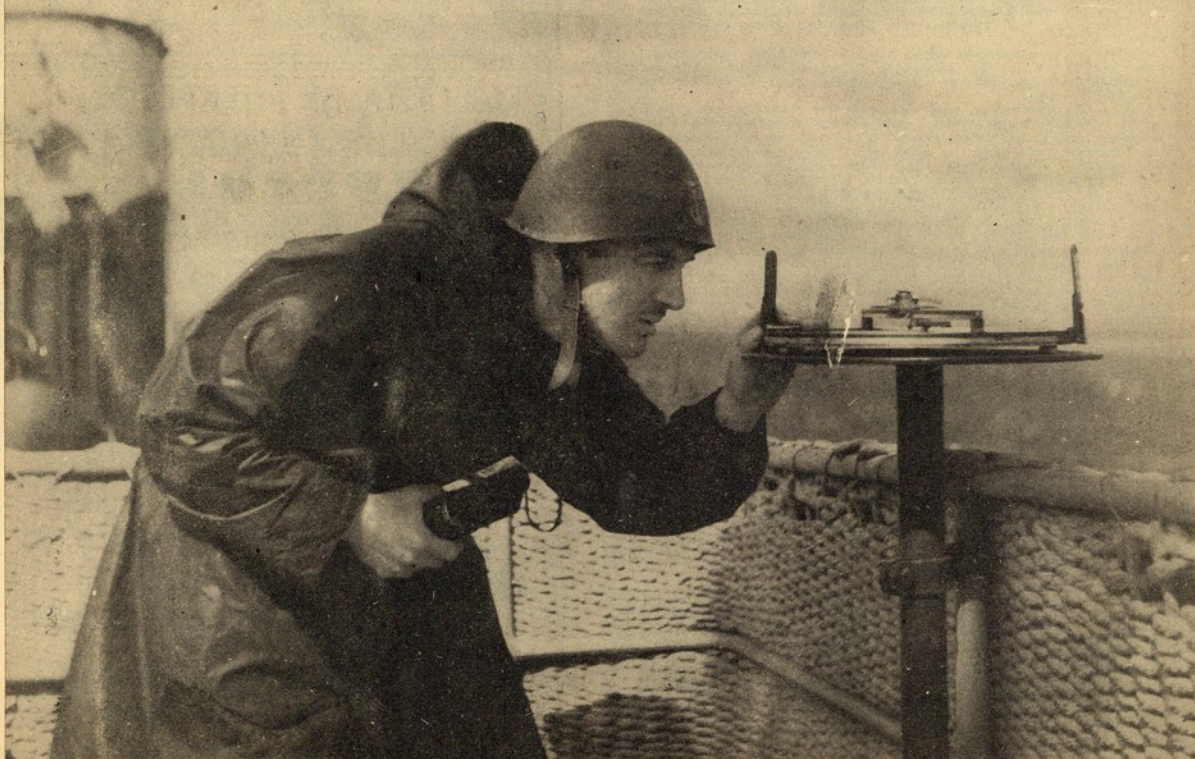
Não é mais caro, é melhor

EST. VALENTIM DE CARVALHO
RUA NOVA DO ALMADA, 97

Os canhões anti-aéreos desta unidade de guerra estão vigilantes, dispostos a romper fogo contra os aviões inimigos que possam vir a atacar esta formação de combate de navios de guerra italianos que mira o Mediterrâneo.



A bordo de um desses navios, este homem está a postos, decidido a cumprir o seu dever, ao serviço da Pátria.



NO LIMIAR DUM NOVO ROMANTISMO

(Continuação da pág. 10)

tércia Freire confirma-se poeta de excepcional riqueza interior e dum lirismo brando, suave, em que uma angústia insofrida marca fortemente as cambiantes e os sentimentos. Os poemas «Outra vez Santa Teresa», «Ausência», «Paço Proibido», são, para mim, os melhores do livro, embora em muitos outros Natércia Freire seja igualmente total na sua confissão poética:

«As casas fechadas. O mundo sem [mal

Só campos e mares
Repetem a vida...

Não sei do meu corpo. Não sei dos [meus braços

Não sei se me encontro nem se ando [perdida».

Éis um trecho em que se mantêm todas as qualidades essenciais a Natércia Freire: aspiração de bondade, sofrimento interior, certo cansaço espiritual, dúvida no que respeita a si próprio e ao seu destino. A isto pode chamar-se poeta à sensibilidade e à ânsia que nos revela assim o seu mistério:

E não se importem que eu fique Endoidecida no escuro

Deixem que eu me abrace a mim! Já que fujo ao que procuro.

UM LIVRO

EMPOLGANTE

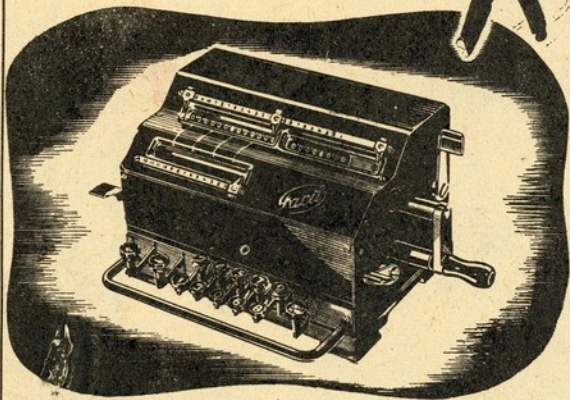
A ESFERA MISTERIOSA

Por MAX FELTON

1.º volume da colecção policial de Vida Mundial Editora

FOI POSTO À VENDA ESTA SEMANA

VAMOS!! VAMOS!! disse o patrão



Vou-lhes arranjar mais uma «FACIT»

Quando os empregados começam a disputar acerca das máquinas modernas e rápidas «Facits», é de bom conselho comprar mais ou trocar as antigas. A «Facit» de 10 teclas maneja-se com um êxito como máquina de calcular rápida e infalível. Depois vieram os modelos eléctricos, um deles, modelo especial para uma só mão, que tem uma velocidade de cálculo enorme. Estas máquinas de calcular acabam com as pressas, num escritório cheio de trabalho, porque trabalham sempre depressa e bem.

Para quem trabalha com grandes números e muitos decimais, há um modelo especial. «Facit» LX, com 19 algarismos no registo dos produtos. Chame-nos e peça uma demonstração.

A máquina de cálculo rápido

Facit

para as 4 operações aritméticas manual ou eléctrica

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L.ª

RUA DA PRATA, 145 LISBOA

R. SÁ DA BANDEIRA, 339 P.º RTO

Telef. 25281

Telef. 1248

Telef. 22102

Telef. 1248

UMA EXPERIÊNCIA DE FÍSICA

(Continuação da pág. 15)

Depois perguntou:
— Onde fica esta casa?
— Na rua Fuad I, 29 — respondeu James Wilkinson.
— É longe?
— Não.
— Tens alguma pessoa que fale o árabe e o inglês, que me possa acompanhar?
— Vou-lhe explicar — disse o inspector.
— «Well!» Nesse caso, não percamos tempo — respondeu Clive, levantando-se.

IV

O guarda que vigiava o portão do N.º 29 cumprimentou respeitosamente, quando o inspector e o seu companheiro passaram.

— O sr. Jussuf Khaldy está em casa? — perguntou Wilkinson.
— Não está, sr. inspector — replicou o agente.
— O que é que lhe preguntaste, — interrogou Bob.
— Se o Jussuf estava em casa. Disse que não.
— Tanto melhor — murmurou o jovem.

Os dois dirigiram-se imediatamente ao local do crime. Bob inspecionou meticulosamente o aposento e disse, em seguida:

— James, podes mandar buscar a espingarda que se encontrava nesta mesa?
— Com prazer — respondeu o interpelado, que saiu para voltar, após dez minutos, com a arma na mão.

— Demoraste-te — observou Bob.
— Foi pessoalmente buscá-la — explicou Wilkinson.
— Encontraste algum indício?
— Tenho uma idéia — respondeu o detective, pensativo. — Fazes-me o favor de chamar o criado que encontrou a vítima?

O inspector saiu e, decorrido um instante, regressou, acompanhado por Ahmed.
— É este?
— É, sim.

— Pergunta-lhe se este copo e aquêle frasco de vidro polido se encontravam na mesa, no dia do crime.

O árabe disse que sim e o detective exclamou:
— «O. K.»!

— Então, vamos visitar os quartos dos dois filhos. Primeiro, o de Saïd.

Após quinze minutos de inspecção, os dois dirigiram-se aos aposentos de Jussuf. Era um quarto mobiliado luxuosamente, com todo o conforto. Numa estante de mogno, ao pé da porta, encontravam-se alguns livros árabes.

— Vamos lá examinar estes livros — ordenou Bob.
— Para quê, — inquiriu Wilkinson, pasmado.
— Já vais ver! que livro é este?

O inspector pegou no livro, e leu, distraído: «Noções de Física» para os liceus superiores do Cairo. 2.º volume.

— «Pssst!!!» — assobiou Bob. — Deixa ver! Folheou-o e, de repente, perguntou:

— O que é isto aqui?
Wilkinson reparou na página indicada, ilustrada por vários desenhos, e explicou:

— É uma experiência com raios solares...
— Ah, sim?...

Súbitamente o inspector deu um pulo e bateu-lhe no ombro:
— Bob, és um génio! Que grande palerma que eu fui! Eis a chave do mistério!

Neste momento abriu-se a porta e entrou Jussuf Khaldy.
— Boas tardes, meus senhores! Dão-me licença de perguntar o que procuram no meu quarto particular? Olá, sr. inspector, não o reconheci!

— Como está? — perguntou, em inglês.
— Fizemos uma pequena revisão — explicou Bob, depois de se apresentar como ajudante de Wilkinson — e, se fizer a fineza de nos acompanhar ao local do crime, revelar-lhe-ei como e quem matou o seu pai.

— Que grande surpresa! — exclamou Jussuf, sarcásticamente. — Vejo, de facto, que a polícia trabalha com uma rapidez espantosa!

Os três desceram a escada e entraram no quarto do crime.

— Sr. Khaldy, faça-me o favor de chegar aquela cadeira de braços para de frente da mesinha. Assim, está bem. Agora tenha a bondade de se sentar nela. «Well» e, agora, espere uns momentos.

— James, dá-me a espingarda. Carregaste-a outra vez, não é? Muito bem. Sr. Jussuf, vamos realizar uma pequena experiência.

MAIS NOVA CADA MANHÃ



Descoberta extraordinária dum especialista célebre: um precioso elemento regenerador chamado «Biocel» está agora contido no Creme Tokalon (côr de rosa). Aplique-o todas as noites, antes de se deitar. Acordará rejuvenescida, pela manhã. De dia, use o Creme Tokalon Branco (não gorduroso). Terá a pele fresca e macia como veludo.

A venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva à Agência Tokalon de Lisboa, 88, Rua da Assunção, que atende na volta do correio.

Bob abriu o gatilho da espingarda e colocou-a na mesa, ao pé do frasco de vidro polido e do copo, com o cano dirigido para Jussuf, sentado na cadeira.

A experiência é a seguinte, meu caro sr. Jussuf... Como vê, a espingarda está carregada, os fechos estão abertos. Faltava apenas disparar. Sabe como se dispara, sem pegar na arma? Não sabe? É uma pena. Vou-lhe explicar. Este frasco de vidro polido, aqui, tem a facilidade de concentrar os raios solares que entram pela janela, e transmiti-los a este copo, o qual, por sua parte, desempenha as funções dum vidro ustório, e concentrando os raios na cápsula da bala. Os raios do sol aquecem a pólvora do cartucho — e o tiro dispara-se. Se há depois uma pessoa que tem a infelicidade de estar sentada em frente da espingarda, então nem Allah nem o seu profeta lhe podem valer. Eis tudo. É simples, hein, sr. Jussuf Khaldy? Não me responde? Porventura já conhece a minha experiência?

— Voltando-se para o companheiro:
— James! cumpre o teu dever!

Jussuf, que seguia ansiosamente a explicação de Bob, baixou a cabeça e ficou imóvel. A sua face estava branca como giz. Aproximando-se dele, o inspector pôs-lhe a mão no ombro e murmurou a fórmula habitual.

— Vamos, sr. Khaldy, está preso, em nome da lei!

Neste momento, porém, disparou-se o tiro da espingarda, e o inspector deu um súbito salto para o lado.

Quando voltou a aproximar-se de Jussuf, verificou que um leve raio de sangue lhe corria da cabeça.

Jussuf Kaldy estava morto. Morto com a arma com que matara o pai!

Bob Clive aproximou-se do cadáver e declarou lacónicamente:

— Quem com ferros mata... Mas por que razão teria morto o pai? — perguntou ao inspector, coçando a cabeça.

— Talvez por causa da herança, meu amigo. Aquêles desfalques nas propriedades...
— Agora já podes pôr o irmão em liberdade...

— Vamos beber uma pinguiça de «White Horse». Havemos de concordar que a mereceste. És servido, James?

2.5. 14



○ General Joseph Stilwell, que é hoje uma das principais figuras militares dos Estados Unidos. Chefe do Estado Maior junto do Generalíssimo Chang-Kai-Chek e comandante supremo das forças norte-americanas que combatem na China, na Birmânia e na Índia, está-lhe certamente reservado um papel de relêvo na ofensiva que, segundo se anuncia, a Inglaterra e os Estados Unidos, numa acção conjunta, pensam levar a efeito num futuro próximo contra o seu inimigo nipónico.